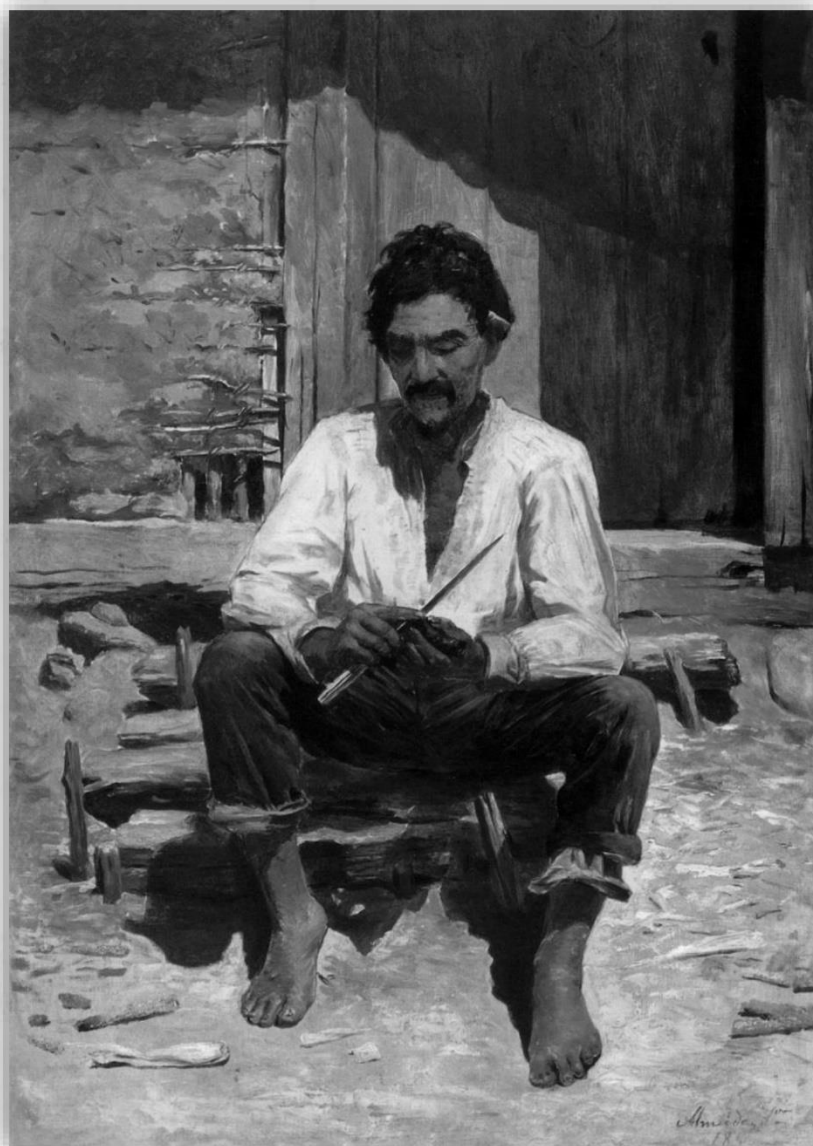


Ramiro Esdras Carneiro Batista

x

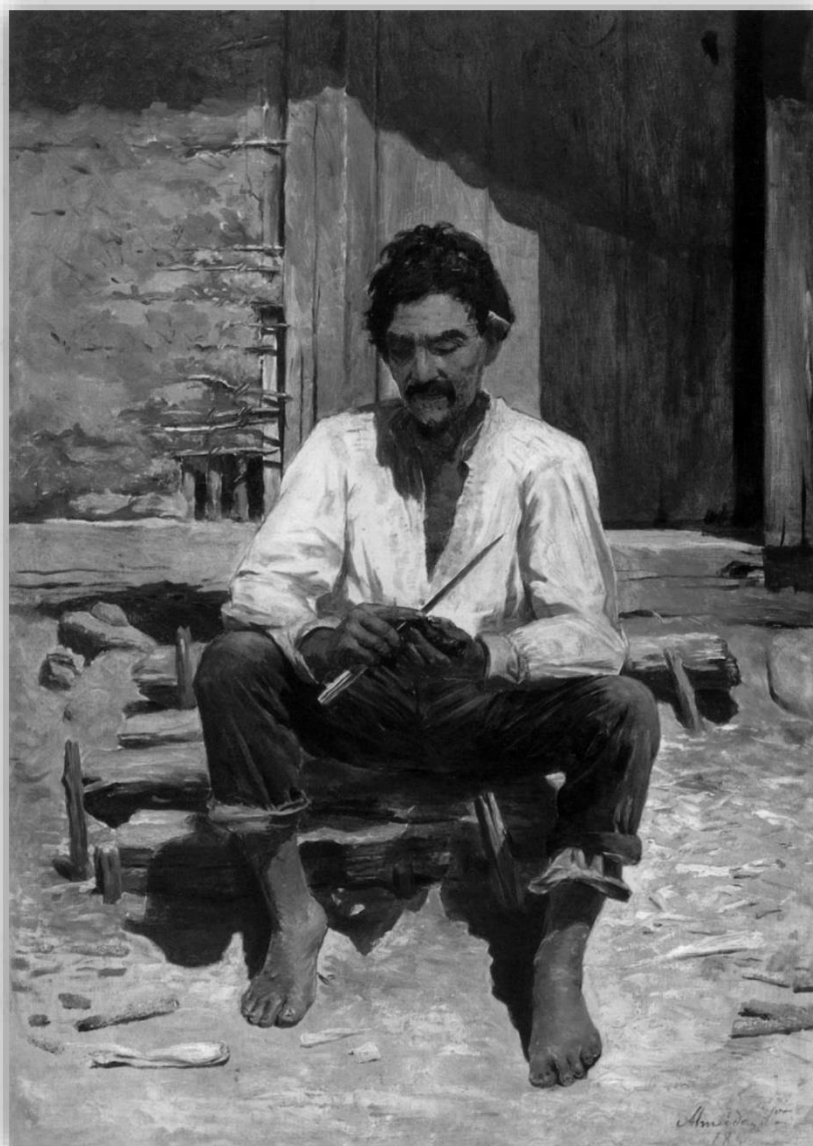
CONTOS ATRUMANOS



Ramiro Esdras Carneiro Batista

x

CONTOS ATRUMANOS



© 2024 – Editora Unigala

Copyright © Ramiro Esdras Carneiro Batista

Na presente edição não há atenção a acordos ortográficos vigentes ou pretéritos, tendo em vista o caráter artístico e mnemônico da obra.

Capa

Inspirada na tela Caipira Picando Fumo (1893). Óleo de José Ferraz de Almeida Júnior – obra em Domínio Público.

Prefácio

Pedro Borges Pimenta Júnior

Ilustrações do Miolo

Acervo do Autor

Diagramação

Editora Unigala

Transcrição e Revisão

Ana Sophia de Matos Carneiro
Ramiro Esdras Carneiro Batista
Saulo Esdras de Matos Carneiro

Editor Chefe: Jader Luís da Silveira

Editoração: Resiane Paula da Silveira

Conselho Editorial

Dr. Ramiro Esdras Carneiro Batista, Universidade Federal do Amapá, UNIFAP
Ma. Tatiany Michelle Gonçalves da Silva, Secretaria de Estado do Distrito Federal, SEE-DF
Me. Camilla Mariane Menezes Souza, Universidade Federal do Paraná, UFPR
Ma. Jaciara Pinheiro de Souza, Universidade do Estado da Bahia, UNEB
Dra. Náyra de Oliveira Frederico Pinto, Universidade Federal do Ceará, UFC
Ma. Emile Ivana Fernandes Santos Costa, Universidade do Estado da Bahia, UNEB
Me. Rudvan Cicotti Alves de Jesus, Universidade Federal de Sergipe, UFS
Me. Heder Junior dos Santos, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP
Ma. Dayane Cristina Guarnieri, Universidade Estadual de Londrina, UEL
Me. Dirceu Manoel de Almeida Junior, Universidade de Brasília, UnB
Ma. Cinara Rejane Viana Oliveira, Universidade do Estado da Bahia, UNEB
Ma. Emily Maria Torres de Magalhães Borges, Universidade do Estado da Bahia, UNEB
Dr. Déric Soares do Amaral, Universidade Federal de Pernambuco, UFPE
Me. Kleberson Almeida de Albuquerque, Universidade do Estado do Pará, UEPA
Esp. Jader Luís da Silveira, Grupo MultiAtual Educacional
Sr. Victor Matheus Marinho Dutra, Universidade do Estado do Pará, UEPA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Contos Catrumanos

C289c / Ana Sophia de Matos Carneiro; Ramiro Esdras Carneiro Batista; Saulo Esdras de Matos Carneiro. – Formiga (MG): Editora Unigala, 2024. 104 p. : il.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-85101-35-6

DOI: 10.29327/5416256

1. Manoel Ambrósio Alves de Oliveira. 2. Contos Catrumanos. 3. Memória. I. Carneiro, Ana Sophia de Matos. II. Batista, Ramiro Esdras Carneiro. III. Carneiro, Saulo Esdras de Matos. IV. Título.

CDD: 398.2

CDU: 39

Os artigos, seus conteúdos, textos e contextos que participam da presente obra apresentam responsabilidade de seus autores.

Downloads podem ser feitos com créditos aos autores. São proibidas as modificações e os fins comerciais.

Proibido plágio e todas as formas de cópias.

Editora Unigala

CNPJ: 35.335.163/0001-00

Telefone: +55 (37) 99855-6001

www.unigala.com.br

editoraunigala@gmail.com

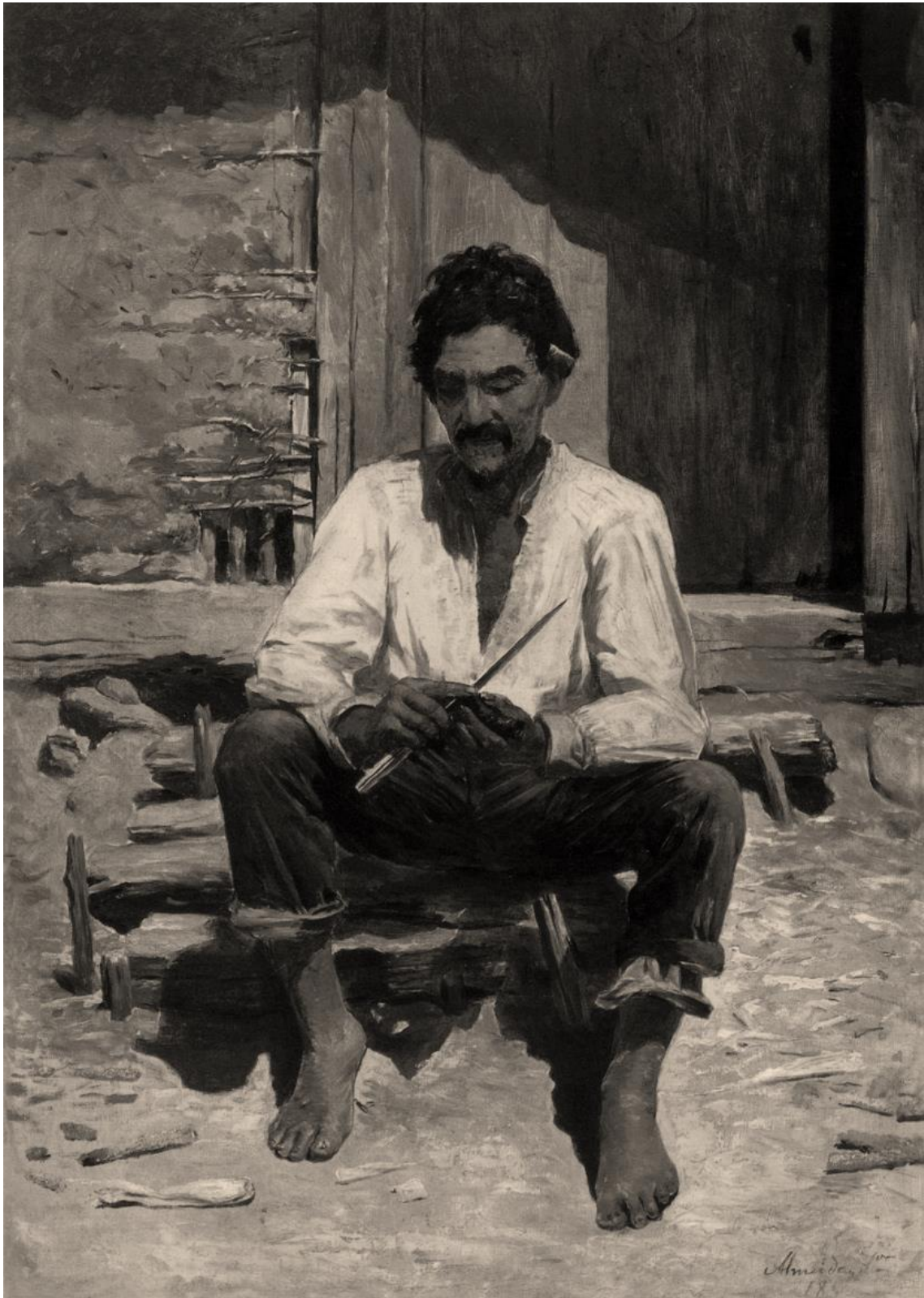
Formiga - MG

Catálogo Geral: <https://editoras.grupomultiatual.com.br/>

Acesse a obra originalmente publicada em:

<https://www.unigala.com.br/2024/08/contos-catrumanos.html>





Arte da Capa: Caipira Picando Fumo (1893). Óleo de José Ferraz de Almeida Júnior.

Contos Catrumanos

Ramiro Esdras Carneiro Batista

CONTOS CATRUMANOS

Prefácio de Pedro Borges

Contos Catrumanos



Contos Catrumanos

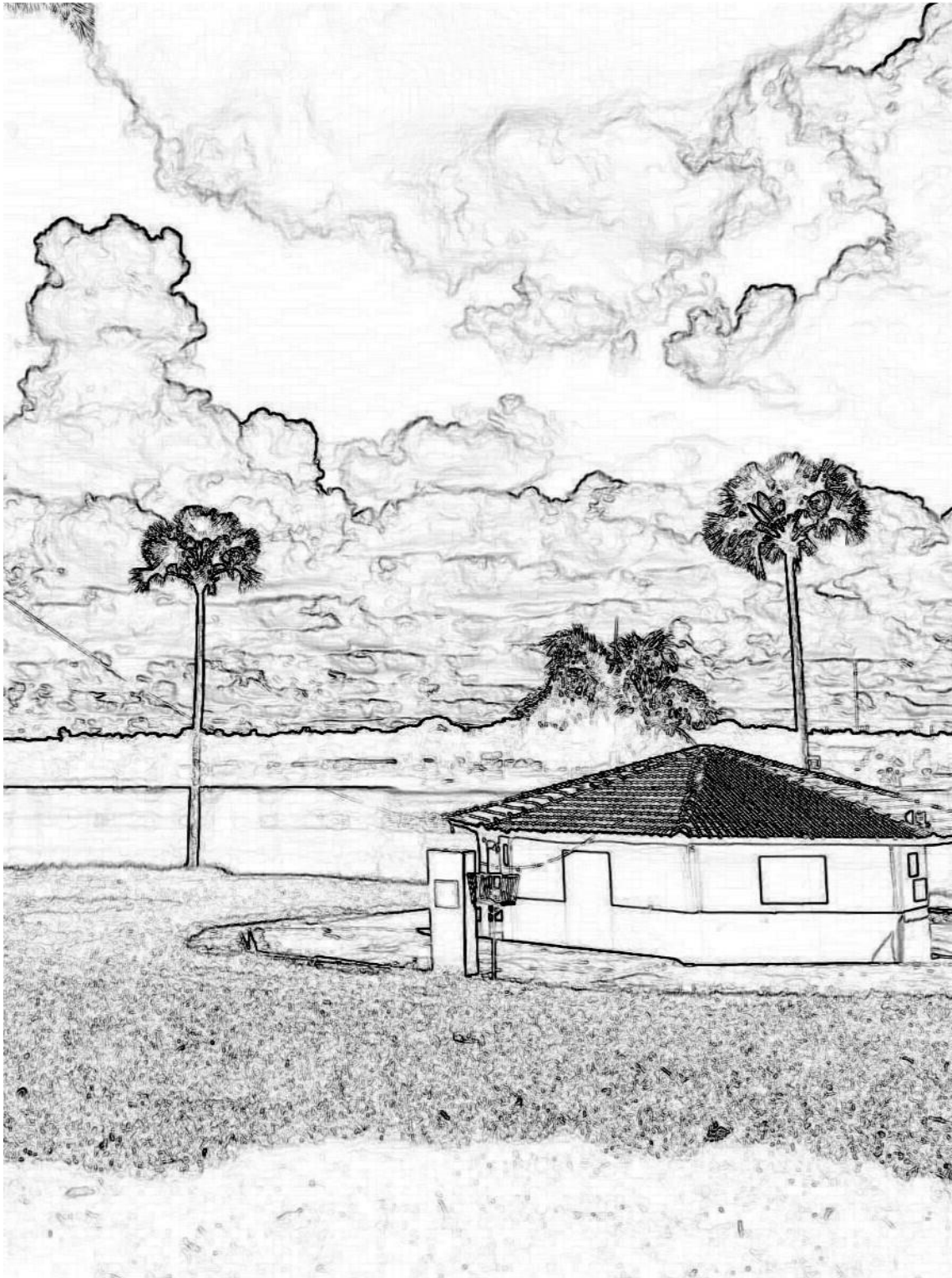
Afetos, memórias & narrativas dos Sertões Urucuianos

1ª Edição

*Da memória – e em memória –
de **Levi Carneiro Magalhães**,
Catrumano da Bela-Lorena.*

***Reconstituir a fala daqueles, traduzir o
silêncio destes – eis a tarefa do contista.***

Paulo Rónai (2005)



PREFÁCIO

"[E]sses homens reperdidos sem salvação naquele recanto lontanho de mundo, grotórios dum sertão, os catrumanos daquelas brenhas"

(Guimarães Rosa, Grande Sertão: Veredas)

O catrumano é um ser sem salvação, reperdido nos longes dos sertões. Mas, esses longes constituem um universo que consegue ser um paraíso e inferno, ao mesmo tempo. Paraíso, porque a paisagem que adorna esse vasto mundo fora sempre caprichosa, generosa, derramando águas, veredas, ramagens, frutos, caça e, marcada, desde os primórdios, pelo Opará.

Mas, aqui também se torna o inferno, porque não há portões ou muros que protejam essa terra. Ela, a cada dia, se esvai e se dissolve um pouco mais, sob os apelos da modernidade, como as areias das barrancas do Rio vão sendo erodidas e levadas ao oceano. Inferno, ainda, porque a valentia das disputas pelo uso da terra deu lugar a guerras sangrentas para expulsar os povos originários, dando a posse delas a um punhado de gente.

O mestre Manoel Ambrósio foi quem primeiro percebeu isso: o apito dos vapores e o estalar do telégrafo eram sinais da invasão da modernidade. O paraíso estava/está deixando de existir: os sertões sendo roídos por fora, devoradas as paisagens, barradas as águas do Velho Chico. Com o advento das antenas de tv e, hoje, do *uatzap*, os reis, as folhas, as marujadas, as rezas, ladainhas, os versos, os causos, o tecido do universo catrumano vai se esgarçando. Junto a isso, incluem-se as terras, antes campeadas livremente pelos pajés, pela Iaiá Cabocla, pelos vaqueiros e jagunços, e agora retalhadas, griladas, cercadas, incineradas, sob carimbos, selos e certidões suspeitosos.

Mas, a inteligência literária e antropológica de Ambrósio fez muitas fotografias desse lugar idílico e infernal, dessa gente catrumana e dos seus algozes.

Estão lá em *Brazil Interior*, clássico da intelectualidade do Vale das Maravilhas, obra de verve cartográfica, referência para se perscrutar os Gerais. E as encontramos, ainda, em seus romances, contos e poemas.

E agora, chega até nós os *Contos Catrumanos*, coletânea igualmente fotográfica de Ramiro Esdras. Herdeiro intelectual e espiritual do Velho Ambrósio, Ramiro capturou para dentro de suas narrativas um cenário e um contexto que, em muitos momentos, dialogam com as palestras populares de Manoel Ambrósio e trazem à cena uma dicção que, antes, só os ouvidos e a pena do mestre ribeirinho conseguiram capturar.

É a continuação do mapa ambrosiano: a exemplo do grande álbum de Jorge Luís Borges, feito exatamente com as mesmas dimensões da área cartografada, Ramiro coloca novas nuances para este lugar e gentes, cujo registro é *ad infinitum*, porque é sempre mutável o referente que lhe serve de modelo.

E daí, podemos então dizer que ele é o continuador de um regionalismo literário muito peculiar, que põe em cena o subalterno e o faz falar, falar sua própria língua, tão ininteligível que, por vezes, obriga quem está fora dessas fronteiras culturais e linguísticas a consultar um glossário para compreender o ren-ren-ren (o nosso nheengatu).

Isso é decolonialismo: colocar os de fora para falar a língua dos de cá, e não conformar-lhes a identidade da palavra livre a uma gramática. Nesse sentido, a voz catrumana canta alto e está latente em todos os topônimos, na pontuação, na escolha ortográfica, na sintaxe e nas abundantes e deliciosas perífrases (João-Padre, Nénzim-cachorro, Graçu-pezin, Vinin-Cochérre, etc.) dos contos do livro que você, leitor, tem às mãos.

E o que vemos nos 11 contos e 01 narrativa, esta, transcrita em quatro partes, é um passeio pelas memórias, histórias, lugares e paisagens que conformam um especial recorte do que é o pensamento catrumano. Porque, mais do que uma forma de designar o homem das áreas rurais sob a influência de um bioma e de um recorte geográfico, é preciso destacar que catrumano (*quatre mains*, *quatrúmanes*, *quadrúmanes*), designação antes pejorativa, assume, aqui, uma espécie de filosofar próprio de quem habita esse "recanto lontanho": uma porfia sobre o ser e estar que se descobre, por exemplo, na história de Zé-das-Paneles.

Esse pobre, muito devoto, construiu ele próprio, emulando o sonho de Jacó em Betel, sua escada para Deus. E a quatro metros do chão, num jirau, entoava seu latim inzoneiro na esperança de que Deus o ouvisse. Acho bem capaz que tenha ouvido palavras em sua mente e, muito embora o narrador encerre o conto dizendo que o Criador não viera ter com o Zé, penso que tenha mandado Nossa Senhora, ou Santo Antônio das Serras das Araras, porque todos os incrédulos sertanejos lhe deram as costas e, tido por louco, morre o beato, exausto, faminto, torrado pelo Sol, mas firme em seu propósito.

Se isso não é a alma do catrumano? Que será mais? Nela está uma fé que não se abala, porque o catrumano é, "antes de tudo, um forte" – teria dito Euclides da Cunha, se Canudos fosse em São Romão da Vila Risonha. E ele precisa passar pelo sofrimento de Jó (que aqui podemos comparar às severidades da seca, aos problemas e mazelas da ordem mesquinha da politicagem em todos os níveis, etc.) para ter um sentimento geo-poético pelo seu chão.

Outro catrumano pensador é o protagonista de *Cassiano e o onça*. Um "cabocãozão-sarará", ele tinha o defeito de gostar demais da cachaça. E, numa noite de bebedeira, vê-se sozinho diante do "gatão da campina". Mija-se e treme-se, vendo a morte à sua frente. Contudo, era capaz de intuir as razões da onça para saber-lhe o modo de escapar da mordida. Eis, portanto, uma filosofia animista que, ao contrário da onda anti-ecológica que tem varrido os cerrados, incorpora a natureza ao modo de cismar, porque tem os quatro pés no chão.

Na linhagem dessa filosofia quatrumana, também se inserem o Velho-Sábio Levi Carneiro Magalhães, o poeta-professor João Damascena de Almeida e Valter Carneiro José – o Valtão. Além do manancial inesgotável que é o pensamento de Manoel Ambrósio, que Ramiro conhece como poucos neste planeta pois anda a tracejar os alfarrábios do mais arrojado januarense de todos os tempos, o autor bebe na fonte desses memorialistas, de onde tira a inspiração para criar as narrativas que o leitor tem debaixo do nariz. Dessas fontes lontãs surgem personas distintas, mas também familiares, a exemplo do miserável *Rifino*, a gulosa *Marta*, o baiano *Zé da Quixaba*, o gato *Rumão* ou o português do armazém.

De modo que, os *Contos Catrumanos* dão seu nó no fio das ideias que acaba por pensar o todo, ao pensar o particular. E prova disso é a presença de Antônio Dó, o herói por metade ("severo bandido, mas por metade", como

escreveu Guimarães Rosa, no Grande Sertão: Veredas). Dó sai das narrativas que, desde o início do século XX, pululam nas barrancas do São Francisco, para as páginas do livro. Esse jagunço mineiro é a chave para entender a natureza dual do catrumano, que é a mesma natureza de todo homem: carregar em seu coração os signos do bem e do mal. Dó era capaz de matar muitos, invadir cidades e guerrear, ao tempo em que devolvia, direitinho, as tropas de animais que tomava emprestado aos sertanejos pobres. Em suma, o catrumano, à vista dos contos, parece possuir uma ética própria que lhe dá a integridade para escapar incólume das guerras e embaraços pelas quais deve passar.

Portanto, os *Contos Catrumanos* são a porta de entrada para esse paraíso/inferno que descortinamos na prosa bem medida de Ramiro Esdras. Misturada ao ritmo da narrativa que lembra aquele das histórias contadas ao pé do fogão, no balcão da venda, a fala do Ramiro sertanejo-antropólogo também se imiscui nesses textos, etnografando o médio São Francisco, como fez Ambrósio, e cartografando a própria vida nos pontos cardeais da ficção.

Salve Ramiro!

Pedro Borges Pimenta Júnior
Sertão, maio de 2024.



SUMÁRIO

<i>Prefácio</i>	11
-----------------------	----

GERAIS

<i>Zé-das-panela resolveu falar com Deos</i>	21
<i>Rifino pé-de-rolinha, o miserável</i>	25
<i>O gato Rumão e a bonecôna-de-chita</i>	29
<i>Encostos e livûzias</i>	33
<i>A Cabocla do Carinhonha</i>	37
<i>Cassiano e o Onça</i>	40

COMÉRCIO

<i>O balão de bosta do português</i>	48
<i>Cigarrinho da Ciência</i>	55
<i>Reis de Briga</i>	61

AMOR

<i>Lugares Formosos</i>	69
<i>Ecce Homo</i>	72

GUERRA

<i>Antônio Dó homiziado na Bela Lorena – memórias de Valtão e Levi Carneiro</i>	80
A encrenca	80
A jagunçada	86
A fuga	89
A empatia	94

MEMORIALISTAS

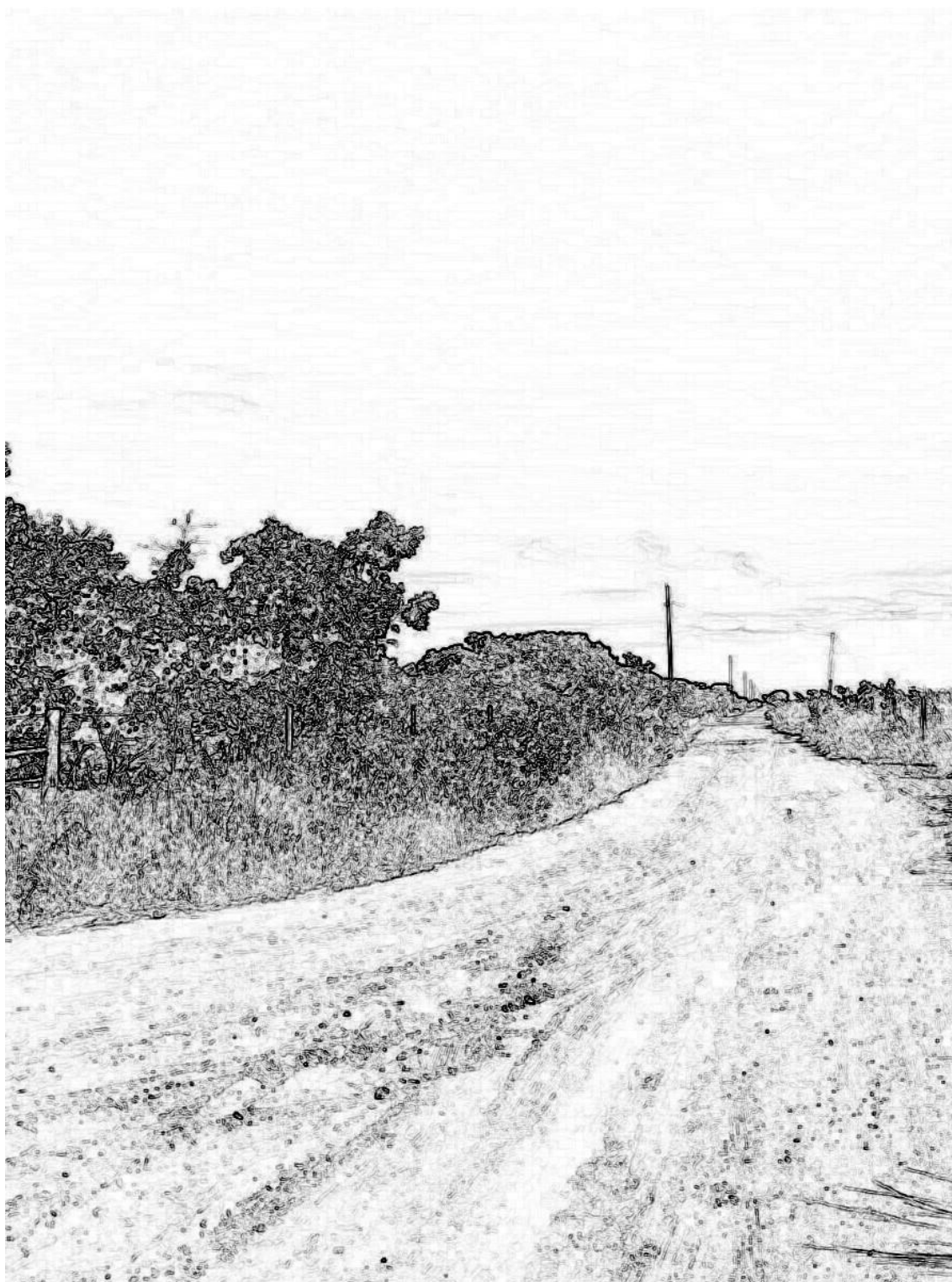
João Damascena de Almeida	99
Levi Carneiro Magalhães	99
Ramiro Esdras Carneiro	100
Valter Carneiro José	100



GERAIS

*Sabia; sei.
Como cachorro sabe...
Sertão velho de idades.
Porque – serra pede serra –
e dessas, altas, é que o senhor
vê bem: como é que o sertão vem
e volta. Não adianta dar as costas.
Ele beira aqui, e vai beirar em
outros lugares, tão distantes...*

(João Guimarães-Rosa, 1982, p. 409-410)



– Zé-das-Panela resolveu falar com Deos –

*Cada um é doido de sua banda!...
Sem parlandas [ele] levantou os braços,
bem escancarados – feito precisasse de escorar
a queda do céu. E deu exclama:
– Bendito o que vem in nomine Dômine!...*

(João Guimarães-Rosa, 2007, p. 80)

Era um chamado Zé, das-panela, cujo o seu nome vinha da vertente das Panelas, n'aqueles grotões bravios.

Rezava demasiado. Muito astucioso. Foi ficando dominado...

O Panela aprendera de todas l'as qualidades de ladainha; o *Kírie-eleisône*, a ladainha de *São-José*, de *Santa-Rita* e *Sant'Antão*.

Ajuntava gente-muita para suas rezas, que podiam perdurar dias.

A fé daquele povo era-muita.

E das Extremas vinha o João-Padre, Nênzim-cachorro, Gracú-pezin, Zé-branco, Rumão-capa-gato.

Do Logradouro o João-dute, Vinin-cochérria, Amália-liobina, essa uma, muito beata; também o Mané-pé-de-cuié e o Rêmun-do-campulêro.

Da Carinhonha, Xandú-cambíto, Zé-fêma, Toín-murcego, Nôzin-mexicano e Roldão-piqui.

Das cabeceiras do Bonito, o Missía-balaí-de-bosta, Zé-cabôco, Jõe-capivara, Tonicão-de-regí, Zé-calcinha e também um Lidújero, dito, o Lidúmaranhense.

Da serra do São-Domingo desciam o Chico-bileza, Felómeno-da-véa-lúcila, Zé-cokin, Prêto-quexáda, Mané-catacumba, o pedrêro; e um outro forasteiro, tratado por Bazanael.

De lugares ermos, também vinha Zezé-pombo, que era o dito Nhê'nhão.

Era toda essa gente á cavaleira, para ladainhas remarcadas, todos os anos, no rancho do Zé-das-panela, em um recôndito do váo do *Paranãn*.

Para as assembleias eram todos seguidos da respectiva cachorrada, magricela e briguenta. Dos cães, os mais devotos eram: Violênte, Cabêlo, Bolinha, Negão, Capôrra, Durão e sua cria, o Durãozin; também o Zé-buguelo, o Tíquin-de-bosta e o Castânhim, dentre tantos outros, ainda inominados.

Entravam e saíam os anos e eram sempre os mesmos devotos, e a mesma cachorrada, a manter a rigidez das ladainhas, em honra dos padroeiros locais.

Era da êmpatia.

Ninguém podia faltar.

Nesse ano, ao chegarem os cavaleiros e a cachorrada, não encontraram o costumeiro rancho de sapé, com os familiares ícones dos santos e bancos de pau-rolíço, onde celebravam sua fé.

No lugar, a sombra de um grande morcegueiro, encontraram um grande girau de uns quatro metros de altura, escorado na estrutura da árvore.

Lá no alto, espetado no girau, estava o Zé-das-panela entoando seu *kírie-eleisôn, kristi-eleisôn*, estranhamente, sem esperar pela chegada dos devotos...

Todos foram se apeiando, enquanto ralhavam a cachorrada briguenta, balbuciando entre si... o que seria mesmo aquela arapuça na árvore?

Nisso aparece o João-Migué, filho único e braço-direito do Panela, que explica, em tom de segredo que o pai resolvera falar com *Deos*, e, como achava que Ele não podia descer no chão, teve a ideia de construir o girau para que *Deos* aparecesse.

Primeiro dia e todos muitos consternados com a santidade do Panela:

– Quis pessoa-temênte, era quasi um cacedóte do sertão!

No alvorecer do segundo dia, muitos dos companheiros já se viram incomodados com o fato de que o filho somente subia no girau com água e alfaces para o rezador.

É que ele-mesmo vinha se recusando a comer carne...

Terceiro dia e nada do Zé-das-panela apeiar do girau.

A beata Liobina, muito agoniada, grita para o homem descer e vir ter com os devotos.

De lá de cima, ele não se deu ao trabalho de ouvir – de costas para o povo, repetindo as ladainhas monótonas pelas horas mais quentes do dia, num clamor desesperado.

Quarto dia e o povo já falando de ir embora, consternados com o fato do Panela ter enfraquecido do juízo, rezando sem parar naquele sol causticante, empoleirado feito um curicaca, no alto do girau.

Quatro dias e ninguém mais aguentava...

Reunem-se todos para gritar ao rezador que descesse!

Nada.

Rumão, Lidujéro e o filho Migué, resolveram trepar no girau e, ato contínuo, descer o rezador na marra.

O homem estava de dar pena, muito desidratado, beijos requeimados de sol... balbuciando palavras sem nexos.

Recolheram-no para dentro de casa, onde recusou-se a comer e a beber.

Distraíram-se por um instante, comentando do estado do beato, e lá esta o Panela novamente, trepado no girau, a clamar ao céu azul.

Implicou de só falar se fosse com *Deos*, recusando-se a comer e beber o que o filho lhe levava.

No quinto dia, o povo foi indo embora, cada-qual com seu cada-qual.

A cachorrada desapareceu.

E o Panela, cada vez mais fraco e balbuciante, em cima do girau.

Dizia-se que ficou “dominado” pela vontade de falar com *Deos*!

Foi indo e morreu, torrado pelo sol do Sertão.

E *Deos* não veio...



– Rifino pé-de-rolinha, o miserável –

*Moça bonita é image,
Home pequeno é anão.
Roça aberta é capoeira,
Terreiro sentado é chão.*

(Manoel Ambrósio, Desafios, 1898)

Em toda família do Sertão sempre nasce um miudinho, ou uma miudinha...

Assim era o Rifino, já homem feito, e com apenas um metro e quarenta de altura.

Seus rastros nas areias quentes do *Gerais* confundiam os caçadores, de tão diminutos, daí a alcunha que ganhara de Rifino-pé-de-rolinha.

No Sertão o apelido é o nome... E o nome mesmo do cristão, todos desconhecem...

Apezar de pequenino, o Pé-de-rolinha era um varão próspero e trabalhador, um solteirão aquinhado com um gado bonito, além dos roçados que cultivava, nos brejões do rio Preto.

Miudinho e arranjado, o Rifinim era invejado pela vacada gorda que tinha, gadão graúdo, enraçado dos antigos, com longos chifres e couros rajados. Dizia-se: uma curralêirama de primeira.

Mas, nessa ocasião, o Pé-de-rolinha andava um pouco exasperado com uma praga de lagartas, que vinha lhe devorando as lavouras.

Não havia remédio ou veneno que afastasse a imundície da praga.

Bem próximo d'ali, pela Vereda do Buriti-do-meio, havia uma cabocla, chamada Marta.

Caboclôna de quase dois metros de altura... um mundão de *muié, âncuda!* como diziam por ali...

A Marta fora casada quando mais jovem, mas, sendo mánina, foi logo abandonada pelo seu camarada.

Passando apurado na sua qualidade de mulher de meia idade e sem terras, a Martôna resolveu quebrar-asa para os lados do Rifinim, achando na praga da roça uma boa oportunidade de provar seu valor.

Procurando o Rifino, a Marta ensina-lhe rapidamente como acabar com as lagartas, usando de uma *shâmpatia-dos-antigo*:

– Cê dividi a roça em quatro parte; captura nove lagarta viva e interra três dela, em cada um dos cantu da roça. O quarto cantu, ocê dêxa ficá sem as lagarta interrada, que é prá mode as viva encontrá u'nha saída e fugí...

Ah! Foi batata.

As lagartas sumiram e a roçôna vicejou novamente.

Nisso, a Marta foi tomando aquela camaradagem com o Pé-de-rolinha e, naquela sâmpatia toda...

Resolveram-se ajuntar os panos.

Duas semanas após o casamento, a Martôna já aparecera enxertada, clamando ao marido que abatesse uma das vacas para matar-lhe o desejo.

O Rifinim dá de banda, fala que as vacas eram da estima de sua mãe, que vai caçar Tatú prá matar o desejo da mulher e coisa e tal...

E a caboclôna, toda revoltada, doida para comer de uma carne vermelha, que não mastigava havia alguns anos.

Rifinim sempre com uma matreirice, uma desculpa, uma carne de Ema, um Queixada dos matos...

Martôna, com uma barriga que crescia a cada dia e o desejo de carne de vaca que lhe enchia a boca d'água. Dizia sempre ao marido que o menino ia nascer com cara de boi, se não lhe matassem logo o disêjo.

O miserável, aparecia com paca, bagres e outras caças miúdas, sempre arresistino.

Num fim de tarde, lá vem o Rifino de novo com uma capanga de ovos de ema, que capturara na Campina, pensando em mais uma desculpa que daria para a Martôna.

Esta, vendo o embornal com os grandes ovos, chama o Pé-de-rolinha no quarto, travanca a porta e começa o arranca-rabo:

– Nânico-misaráve, bem que o povo falárria mêrmo... intão tua muié i teu fío num meréça-cumê carne, né? Toma aqui o teu fío, disgrácia!!!

Ato contínuo, a mulherzona arranca a própria roupa e vai debruçando aquele monte de mulambos no chão, desfazendo a gravidez de pano, enquanto segue amaldiçoando o Rifinim...

No que ele riposta:

– Antão, êsse daí qué-qui'ê teu bucho né, valêntona?!? Canibbala sauváge, cê qué é vaporá cum gadim de meã-herança! Ieu nêem ti inxergo, brutôna! Ni minhas vaquinha é qui ocê num bóle!!!

E a Martôna, perdendo a cabeça, dá três tapas na virilha-pentelhuda e grita:

– Pois déssa carne tu tômém num come mais não, anão-di-circo... a terra vai cume êsse seus gado tudim. Tú vai-vê o malifíço, jarâna-véi!

Por fim, ela apanha uma pirata no prego, aplicando-lhe uma surra de couro d'anta que deixou o Rifino todo quebrado, meio-morto no chão...

E ele, gemendo de raiva, ainda balbucia:

– Pois déssa carne tua-tômen, a terra há di cumê, bundudôna! Bixa-bruta!!!

E assim acabou-se o breve matrimônio do Rifino-pé-de-rolinha, que todo vergastado, moído de taca, ainda alegrava-se, contando vantagens, por manter a salvo seu belo rebanho de curralêiras da gulodice da Martôna.



– O gato *Rumão* e a *Bonecôna-de-chita* –

*[O] diabo regula seu estado preto,
nas criaturas, nas mulheres, nos homens.
Até: nas crianças – eu digo. Pois não é o
ditado: “menino – trem do diabo”?*

(João Guimarães-Rosa, 1982, p. 11)

Era um desses gatos grandes, lutrido, inteiro, rajado.

Gatarrão peludo. Da raça dos da casa do *Lôsa*, o filho do *Argimirão-do-Crofocó*.

Fora dado, ainda gatinho, de presente a uma menininha, chamada *Vilma*.

E para que se fizesse bom-cristão, ela batizara-lhe Romão, ou melhor dizendo: *Rumão*!

Também havia ali uma bonecôna de chita-velha, corpulenta, cheia de mulambos, saiôna-rodada, confeccionada que foi por uma preta-velha, a *Puluquéra*, e dada de presente á menina.

De muito mimado, o gato tomava parte nas brincadeiras das crianças. E foi bem no dengo das meninas que morou sua desgraça. De tão mimado e folgazão, causava repulsa aos meninos: moleques encapêtidos...

Gatão nojento, que ninguém se dera ao trabalho de capar: derrubava as pessoas unhando e roçando em suas pernas, mijava nas paredes, unhava e mordida as alpercatas de todos, destruía os ninhos das sabiás...

Certa tarde, o menino resolveu acabar com a farra do gatarrão.

Olhando para os brinquedos e o gato, todo espalhado entre eles, veio-lhe á ideia: amarrar o *Rumão* nas bonecas para ver no que dava.

E foi esse o serviço do *Manézim*. Pegou a bonecôna de chita da menina, alisou o gatão e enquanto este ronronava, amarrou-a em sua cacunda com uma embira de buriti, como quem prega um peão no lombo do burro.

Soltou o *Rumão*.

O gato, desentendido, estrebuchava, rolava e miava tentando livrar-se daquela estranha cavalgada.

Subiu e desceu do telhado, correu pelo quintal, cuspiu, unhava o ar e pulava metros de altura...

E nada da bonecôna desapiar...

A medida em que o *Rumão* corria e esquipava, o vestido de chita da bonecôna esvoaçava, dando-lhe um ar fantasmagórico.

Logo juntou a cachorrada magricela, a latir aquele entrevero.

Toda a meninada veio para vaiar e gritar o *Rumão*, já sem fôlego de tanto esquipar.

Mesmo os adultos pararam para rir dos mungangos do gato, que exasperado, ganhou a capoeira.

Como a boneca não descolava e os cachorros o perseguissem, *Rumão* sumiu-se no carrasco com a bonecôna esvoaçante no lombo...

A menininha chorava, inconsolável, a perda concomitante de seu gato e de sua boneca.

Dizem que o *Rumão* só voltou oito dias depois, com o couro todo esfarrapado e um ar de selvageria nos olhos – quando finalmente conseguira espetar a bonecôna em um arame farpado e livrar-se dela.

Brincar de casinha com as crianças e mijar nas paredes?

Nunca mais.

Ficara esguaritado!

Entojado, não quis mais saber de gentes-humanas.

Virou gato-do-mato.

Uns dizem que esse gatão desviou numa onçôna-assombrada do *Gerais*, uma que a gente ouve o esturro dela, mas que ninguém dá conta dos rastros, nem da carniça...

Outros dizem que morrera o *Rumão*, muitos anos depois, asselvajado, brigando com uma cobra n'uma passagem de grotá.



- Encostos e Livûzias -

*[O] que revela efeito são os baixos espíritos
descarnados, de terceira, fuzuando nas
piores trevas e com ânsias de se travarem
com os viventes – dão encosto.*

(João Guimarães Rosa, 1982, p. 10)

E lá ia a menininha sozinha, no pasto, apanhar o cavalo com uma cuia de milho, sacudido, a fim de atraí-lo.

Castanhão era um cavalo velho, muito manso, mas muito velhaco. Ao ver a menininha com a corda, sabia que ia ter trabalho e ficava arroteando o pasto, dando canseira na pequenina, que não conseguia lhe colocar o cabresto...

A mãe envolvida na cozinha, esperava a vinda do Castanhão, enquanto ganhava tempo para adiantar o de-comer, porque o sol já se levantava atrás da serra.

O pai tirava o leite dentre as vacas lamentosas, enquanto ganhava lambidas dos bezerros enjeitados.

E a menininha no pasto, arranhando-se no carrapicho, correndo e dando volteios até conseguir vencer a velhacaria do Castanhão que, beicudo, finalmente se entregara, mastigando a cuia de milho enquanto abanava o grande rabo.

Encabrestado o cavalo, a menina dirige-se a passagem da grotá, voltando para casa onde a mãe a esperava com um delicioso cheiro de café-coado e beiju quentinhos.

Das pedras da grotá, em sentido contrário, vinha vindo uma mulher-negra, baixota, de olhar enfurecido, roupas estranhas, turbante de outras épocas...

a mulher caminha sem tocar os pés no chão e passa pela menina, sem olhar para ela, como se a pequena não existisse... o Castanhão cheira os ares, relincha, escoiceia e foge em pânico, arrancando o cabresto da mão da menininha num solavanco.

Ela corre, sem entender o que viu...

A vontade é de olhar para trás, mas não olha.

Não quer ver de novo!

Chega a menininha em casa, esbaforida, olhos esbugalhados, coração aos pulos dentro do peito, sem conseguir contar a mãe um cadinho do que vira.

A mãe, apavorada, inicia um choro contido, enquanto confere o corpinho da filha, temendo picadura de cobra, ferroadada de marimbondo ou coisa pior.

Nada!

A menininha não consegue sentar.

Falta-lhe fôlego.

Não consegue explicar.

O pai chega com o balde de leite, espumante.

Depois de um copo de garapa adoçada com rapadura, ele se acalma e volta a falar.

Explica a visão da mulher e a sua atitude.

O pai corre ao pasto, de carabina em punho.

Rastros do Castanhão, dos cachorros, da filha e... mais nada.

Caçador-experimentado, constata rapidamente que nenhum outro vivente passára por ali esses dias.

O pai volta de um salto ao seu rancho, deixando para procurar o cavalo depois.

Não fala com sua Dona – apenas trocam um olhar significativo.

Pelo olhar do companheiro, ela adivinha que nenhum outro ser vivente passou por ali!

A mãezinha se debruça no colo da filha, lamentosa, abraçando-a, e, ato contínuo, balbucia sete ave-marias e sete pais-nossos, o mais rápido que pôde....

Acalmados os ânimos, engendrados todos os *vade-rétrum* e *signos-salmão* que o pai conhecia nos quatro cantos do rancho, eles se põem a explicar a filha:

Que há muitas tapéras nas redondezas.

Há que ter cuidado!

Que há gente antiga, gente-índia, gente-escrava, que morreu em sofrimento e não encontraram o caminho da luz.

Que a menininha fez bem em correr o mais rápido que pode, pois se ficasse, a mulher podia dar encosto... ficar junto dela prá sempre...

Que muita gente já se mudara d'ali, abandonando a veredinha e fugindo com a roupa do corpo, por não mais aturar as livûsias do Sertão.

Que gente adulta não vê encostos, só as crianças, os cachorros, os bichinhos...

Carece de ter cuidado!

De nunca mais-andar-mais sozinha pelos pastos...

É que, uma vez completado o encosto, a pessoa fica doida.

Não tem médico que dê jeito...



– *A Cabocla do Carinhanha* –

*Digo: o real não está na saída nem na chegada:
ele se dispõe para a gente é no meio da travessia.*

(João Guimarães Rosa, 1982, p. 52)

Os antigo diz que a água do *Carinhanha* é mág'ca, binzida, fonte maió da vida!

Diz'que quem véve qu'ê ele é filiz.

Diz que quem bebe d'ele véve-muito.

Aí nessas bêra de *Carinhanha* tem uns véiã que véve mais de cêm ano, só bebeno do rio – di nenhum ôtro lugá... fica aqueles véiã erádo, narigudo e oreiúdo, sem querê morrê nunca, qui depois de caduco é preciso tá botâno polake prá num perdê eles...

É o rio do Cacique *Cari* e da esposa dele, *Nhãnha*. Rio de muito Acari, de pêxe-muito, pêxe-gostoso. Mais ninguém sabe mais o que foi que os índio botô no rio, prá água dele cê tão boa anssim.

Mais sabe que hai muita coisa...

Nas cabicêra do rio tinha u'nha encantada, u'nha cabôcla muito bonita que aparecia prá pessoa. Mesmo depois que os Carnêro chegáro aí e fundaro o pavoado, si evitava ir pro rio sozinho, porque aparecia lá essa bela-morena e dispois desaparecia, sem falá nada...

Aí o lugá ficô seno Bela-Lorena, porque hai essa incantada, num sabe cuma, mais sabe que hai.

Ninguém não toca n'ela, praquê aparece da ôtra marge e si o cabra é corajudo i atravessa prá querê vê, aí ela parece de novo na marge-contrára...

Mais sabe que hai, qu'êla corre nas bêra desse rio... é a ú'tima do povo d'ela, u'nha muié linda, di sangue cabôco, Guarani daquelas antiga, di'veras.

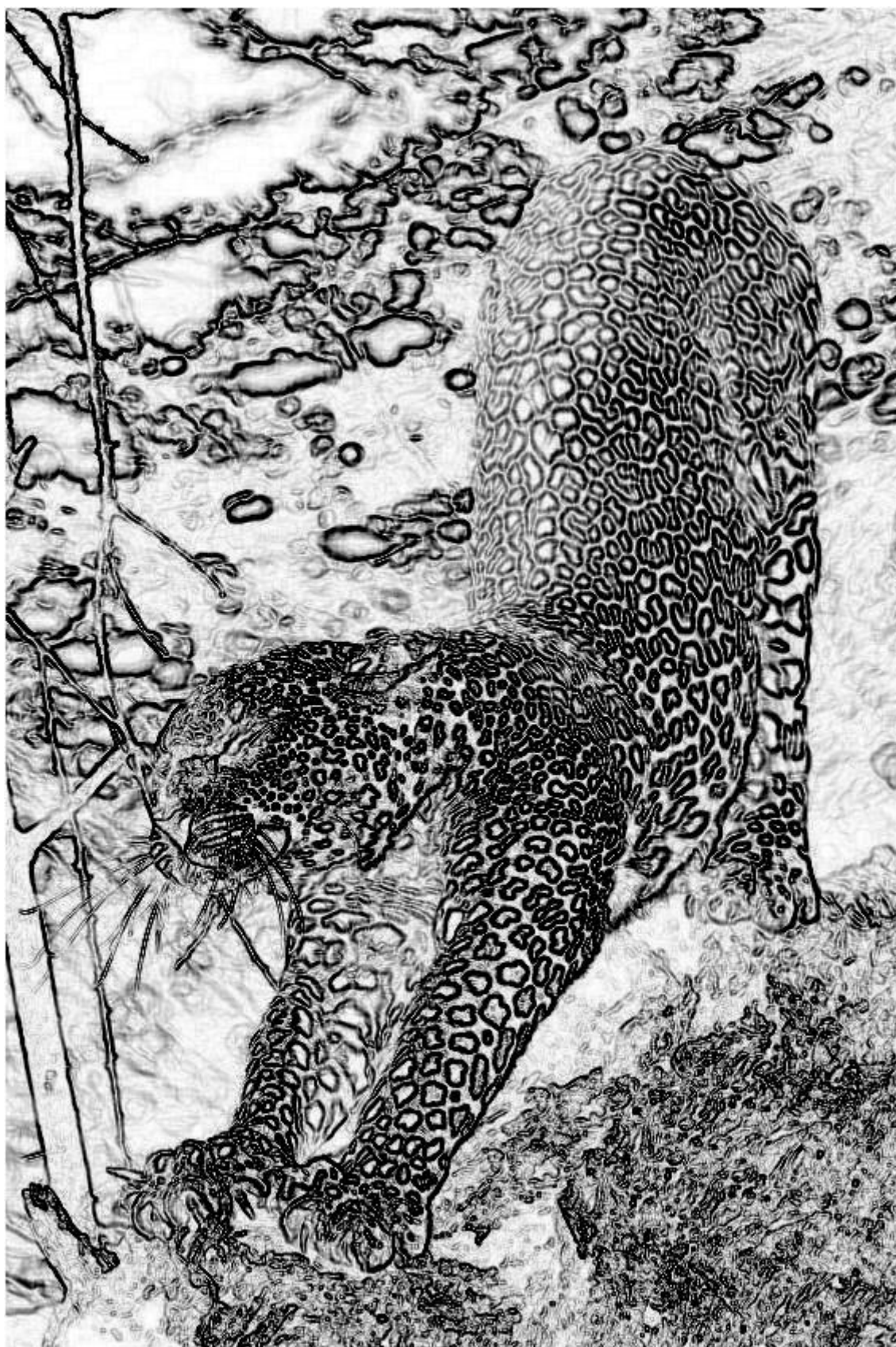
As festa da *Carinhanha* antiga era u'nha maravía: re'juntava aquelas famía antiga desses Sertão distabocádo – os Mende, os Pó-terra, os Carnêro, os Ornella, os Francisco, os Chave... tempos bão. Muitas chuva, muita fartura.

Sei qui juntava gente demais, até os Cigano aparecia, muito bûnitos, muito catirêros prá vendê as coisa e passá o páo nos negóço...

Nessa festa ninguém via ela: desaparecia.

Incantado num gosta de baruio.

Dispois, o povo in'o imhora, danava a aparicê di novo, a Bela-Lorena do *Carinhanha*...



– *Cassiano e o Onça* –

Viver é um descuido prosseguido.

(João Guimarães Rosa, 1982, p. 56)

O Cassiano era aquele cabocãozinho-sarará, muito cafuzo, inraçado de nêgo-cum-índio. Nu pé, num tinha butina que sirvia, de tão grande qu'era. Tinha aqueles patagão-rachado e não usava alparcata, andano descalço prá todo lugá.

Sua muiézinha era u'nha cunhã muito miúda, muito nova e paridêra, peitûda e brigona. Todo ano, nas'água, botava éra mais um cristão, chorão i buchechudo, nu mundo.

Era vaquêro, o Cassiano!

E tamên plantava muita roça, prá móde dá-di-cumê aquela ruma de bruguelim.

Homi de corage, que dizia mamá-in-onça, quan'ó dis'triziado.

Defeito do Cassiano era um só: pinga!

Prá-bebericá u'nha januára, tirava légua, esquipano.

Fim de semana, quiria matá o Cassiano, era esperá ele no Vêi-Zuza.

O Zuza era ú buteco di todo mundo, na discida da campina...

Era bom, lá!...

Tivesse o cabôco disindinherâdo, bibia do mêrmo-jeito, porque o Zuza-vêi vindia fiado, nas confiança.

É era aquel'a rênca de bêb'do nojento, ajuntado i ispaiado nos balcão do Vêi-Zuza: Pêdo-gabarro, Jões-mantrinchã, Mané-minha-égua, Lód-véio, Lito-pernêta, Mané-ventêna, o risca-brasa. Évinha mais o Nêgo-môro, Zé-onça, Lôro-baiano, o papûdo. Junta'rra mais o Jões-guará, Tôin-agapíte, Pêdo-baiano,

Joaquinzão-vermeio, Zé-calcinha, Ponciano-cokin, Oclidão-garapa, Rusaro-ornella, Lacídio-barbudo, Jões-piqui, Zé-garlabro, Alípi-taipaba, Jões-di-dêus, Maçonilo-gaiêro i o Filipão-saçuapára...

Muié num parícia muita n'aquelis êrmo, mais pur alí inda andarra u'nha doida-du-juízo, pidino pinga, unha tal'i Mariâninha-dopada. E tõem a Maria Serra-páo – cunhatã di uso comum – fogosa i isplêndida nas profissão qué'ra d'ela...

Gente muita!

I era aquela fumacêra di fumo-di-rolo, cusparada i valentia...

I haja pinga!

I toma briga i confusão pro véi-Zuza apartá, nos grito e nos cacête...

Ocasião, num sábado á tarde, é'vai o Cassiano batê-cangáia cum a turma de bêb'dos, lá no véi-Zuza...

Sem cavalo. Sem ú burrão qui's cobra tinha matado... sem recurso... mais num fêiz dificuldade: boto as lanchôna na estrada da Campina i foi logo que chegô nu bar.

Bebêra o Cassiano até ás três da manhã i oiô o céu já no alto do firmamêto, quando sintiu o chão ródano e a vontade di si deitá.

Era horas de caí no tabulêro, qui a Justina tava lá no rancho, oras de'ssa, já botâno fogo pelas venta di raiva, esperano chegá ú unguento de passá nas popa, que'êla tinha incomêndado.

Ia prá casa, drumi qu'êla... intregá as incomenda d'ela...

E l'é'vai o Cassiano pêlos estradão da Campina, noite escura, troi'tâno torto feito bandêra, cum seus lanchão-rachado, muito bebûm.

Cum a pinga sempre vem junto a vontad'ú Arapiraca.

I deu na'vontad'i pitá.

I intão o bê'bdo tirô o artefiço dos bolso, picô o fumo cum a faquinha e enrolô na páia, enquanto cambalêiava pelo estradão do planalto, chutano os toá vermeio.

Dobrano na curva da instrada, inquanto tentava acendê o binga nu meio da noite iscura, o Cassiano saí im-cimínha d'unha grande pintada, ali, sentadinha no mêi da rodáge, ansim sobre as pata traseira, bocejâno, priguiçosa...

Cassiano instacô! Incalangô as perna-tudo.

Cortô os fôgo da pinga na hora.

Quis corrê, mais as perna num bideçia...

Num cagô prueque num tinha bósta-pronta!

E a onçona lá, olhano pr'êle, cum aqueles óião alumiado, iguali faról di Jeep...

Cassiano quiria pensá, mais a pinga num dexárta, num podia.

Balançô a cabeçorra, atacô um sação-damnado. Fêiz suadô. Saiu as pinga tudinha...

E a onça qui b'servava ele, parada, espichou as perna da frente, bateno ú rabão na puêra da instrada.

Dispois alevanto os quarto trazêro, musculênto, e deu unha mijada prá tráis, marcano u território e jogano terra cum as pata...

Cassiano pensô:

– É agora el'évem. É agora qu'êu môrro-mêrmo!

I sintiu sua urina quente desceno nas barra da calça...

– Si fô pru falta de urina, eu tomém sei mijá!

O catrumano óiava de banda, pensano n'unha saída, u'nha polvêra, unha arma quarqué, mas só tinha estrada, cupinzêro e... a faquinha de picá-fumo...

– I s'ela é'vem eu pic'a-cara dela qu'êssa faquinha, morro engastaiádo!!!

E pensava nos colega do buteco que ia mangá dele o resto da vida, ali enjeitado, mortão, retaiádo nas unha do gato... chibungos! Nem prá aparecê um pá dá u'nha dijitóra...

Nisso, o onça fucinhô os áire, apurando o chêro de fumo, pensano im cumo os humano são fidido; Cassiano sintia u chêro forte de urina da onça i

entendeu logo qu'era um gatlão-macho... quis chorá, quis cagá, quis mijá, mais depois teve vergonha da cobardia-própa e controlô us nervo.

Como nenhum dos dois si mixia mais, a onça foi ficano ansim, infastuada, cum vontade di si deitar-si di novo; óiava pr'ele, chêrava, lambia as patôna da frente i oiáva di novo...

Suada toda a pinga nu medo, ú Cassiano s'alemrô das lição do véio Tiadú-miro, o onçêro das redondeza:

– Quis onça num siporta baruio. Ela pega as presa é no silêncio, nas traição. Onça num tem medo di nada, só corre du Bandêra, qu'ela sabe qui o abraço d'êla mat'êla.

– Quis onça num gosta di sê inxergada, xêrada, quand'a caça ói ela, ela sengracêia. Gosta de pegá no súpito, di suprêsa.

– Onça num siporta baruio, pur isso tem óido das cachorrada baruiênta. Os baruio dêx'ela doida...

Aí u Cassiano, di assalto, cumeçô a gritá, cum todos los diabo:

– Jão, Jão, ôu Dão! Ôôôô, genti, acodi eu!

– Zé, Lôro, ô Lacídio, ôôôu, ôôuuuuuu, íííuuuuu!

– Valtão, Vêi-Zuza, ô Quinzão, ôôôu, seus-home!!!

E a onça pertubada, como na dúv'da du qui fazê, pensano cunsigo in cuma esses cafuzo da Campina é tudo dôido... mais quis latumia era aquela?

Intão ú Cassiano achô que tava funcionano e abriu a guêla-nu-mundo, praquê as perna num bedecia êle. Í foi chamano tuda quant'êra nome di gente qui sa'lembra...

I foi aquêla berrêro!

– Kíuuuuuu, sô Lôro, ôuuuu Lacídio, ôôôu, ôôuuuuuu, íííuuuuu, juda eu, seus hômi!

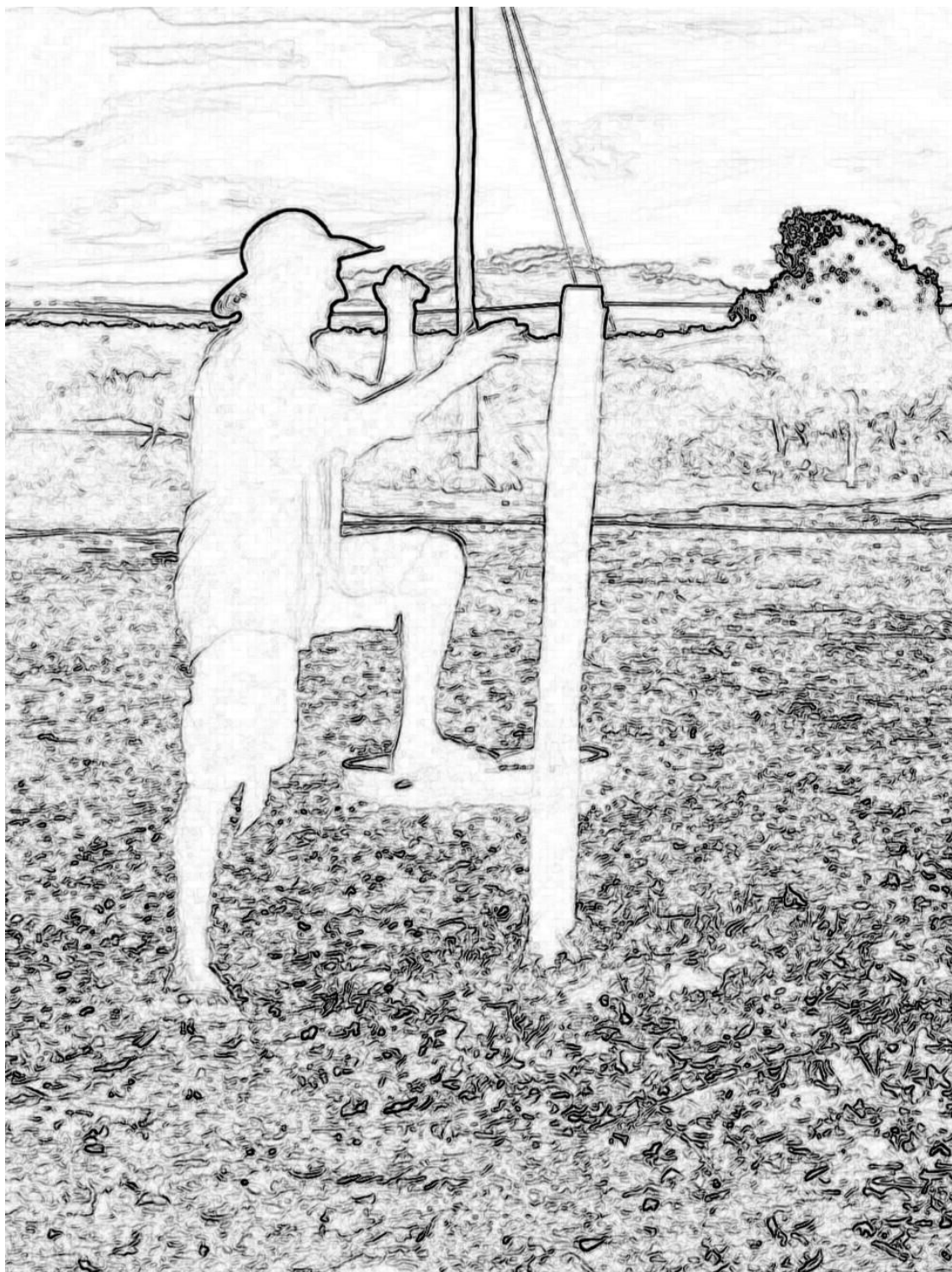
Nisso o gatlão foi dano-di-banda, pois num tava mais siportâno o berrêro du Cassiano.

É cuma diga, baruio-muito, onça não gosta!

I ela foi saindo da estrada, zoiano de lado, disconfiada i di passo leve entrô no cerrado, pensano cunsigo mêmra quis sujeito-doido era aquelis catrumano...

Tudo qui sumida no mato, o Cassiano conseguiu tomá o ar'e i movê os pezão-rachado di novo, esquece'no do bruçal no chão.

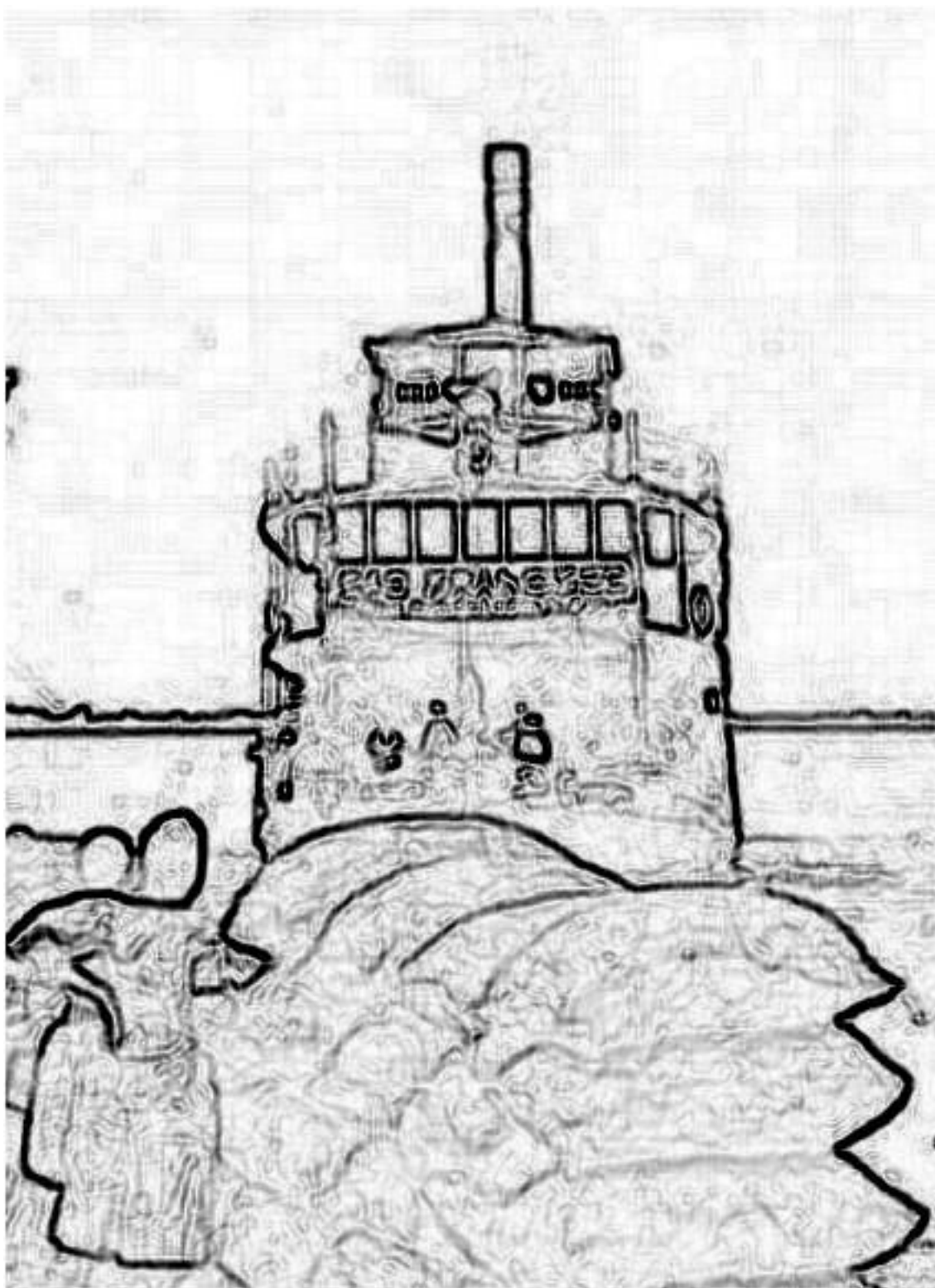
Foi s'imbora corr'eno, todo mijado, pensano im c'uma esses onça da campina é uns bicho tudo perturbado, chêos de gatage...



COMÉRCIO

*Eu vou p'ra o céu, e vou mesmo,
por bem ou por mal!...
E a minha vez há de chegar...
P'ra o céu eu vou, nem
que seja a porrete!...*

(João Guimarães-Rosa, 1996, p. 23)



– O balão de bosta do português –

À Januária eu ia, mais Diadorim, ver o vapor chegar com apito, a gente esperando toda no porto. Ali, o tempo, a rapaziada suava, cuidando nos alambiques, como perfeito se faz.

(João Guimarães-Rosa, 1963, p. 319)

Como bem leciona a tradição sanfranciscana, o *Balão-de-Bosta* é um artefato autóctone que remonta aos princípios do século XX, provavelmente uma evolução do *Pinico-de-Bosta*, sendo este último, uma tecnologia sanitária largamente utilizada na região de Januária, por todo o período oitocentista.

Quem nos conta desse período em que as residências do Comércio não contavam com instalações sanitárias e os pinicos eram esvaziados, todas as manhãs, em plena via pública é o nosso arqueólogo-leigo e *sommelier* de tempo integral, o diligente Zé-Mário – volveremos aos seus saberes.

É sabido que, posteriormente, os penicos foram substituídos pelos balões, que por sua vez consistiam em recipientes ou “embrulhos” de papel ou plástico cheios de merda, que eram atirados da janela das casas no beco ou terreno baldio mais próximo.

Nesse sentido, caminhar pelos becos da cidade de Januária em horas mortas, tinha lá seus riscos, visto que um balão qualquer podia errar o alvo e explodir na cabeça do infeliz transeunte.

Mas como dizíamos, o Zé-Mário é um sábio folclorista-januarense, que tem se mostrado como o mais vigoroso adepto da doutrina do “antes um bêbedo conhecido, que um alcoólatra anônimo.”

— Fala de novo aí, Zé:

— Ô quê?

— Dos pinicos, do tempo em que as pessoas usavam pinicos, como você nos contava...

— E eu lembro? Eu sou jovem! Não é de meu tempo...

— Mas... ontem mesmo você tava contando essa história, ali na calçada da Cobal... não lembra mais?

— Lembro não. Pinico lembra bosta. E bosta não é meu departamento. Aqui é Mário, deixa Mário!

— Moço... mas eu preciso que me conte a estória de novo. Estou construindo um texto com o Damascena... Que é para a gente entender como o pinico-de-bosta evoluiu para o balão-de-bosta? Ajuda nós-aqui...

— Eu não lembro nada de ontem. Hoje é outro dia. E amanhã, hoje já vai ser ontem. Você vai escrever? *Plebas*... Então escreve aí que Eu amo Januária! Aqui é Mário... Deixa Mário: Januáária, meu amô!!!

Frustrada nossa primeira fonte oral, busco o João Damascena no sítio da Morada do Caipira, a fim de recompormos a prodigiosa história do exótico balão-sanfranciscano que, segundo a tradição oral, foi inventando antes mesmo das evoluções do Santos Dumont. Aparentemente de combinação com o Mário, encontro o Damascena já esquentado da pinga, mas pelo menos ele quis falar do assunto, e nos atualizou a respeito do estranho artefato que outrora cruzava os céus do sertão.

O Imperador da Rua de Baixo nos situa quanto á intrínseca ligação do perigoso artefato voador com os imigrantes portugueses, que por aqui aportavam em tempos idos, quem diria...

Antes de adentrar no Causo do Damascena, cumpre dizer que no Sertão do *Paranapetinga*, historicamente os portugueses são tidos como pessoas estranhas; não sociáveis; além de pouco afeitas a higiene física; e notórios ladrões nos negócios de escambo. A esse respeito, Manoel Ambrósio nos pinta um vivo retrato da tensão existente entre os sanfranciscanos “caboclos” e os lusitanos, bem como de seus descendentes “mazombos”:

(...)Pelo que piza as minhas extremas, creio que tenho o direito de perguntar pelo seu nome e de onde vem? — Chamo-me Alfredo e venho dos lados das contendadas. — Ah! Do lado das contendadas!... Pelo seu sotaque vejo que é portuguez também! Um gambá que cheira o outro! Infelizmente corre em minhas veias esse sangue degenerado. Portuguezes são todos uns ladrões, raça condenada, raça ruim, maldita! — Mas o senhor insulta-me. — Não insulto; digo a verdade. (Manoel Ambrósio, 2020, p. 86)

Sendo esta a imagem que o *sanfranciscano* não branco guarda do colonizador, no curso dos séculos, nos conta o Damascena que o Joaquim-Manoel era um homem baixo e atarracado, de braços fortes e peludos, que andava pelas ruas da velha-Januária, escarrando e roncando feito um barbado.

O tal Joaquim era oriundo da Beira, no outro lado do atlântico, e chegando a Januária adquirira alguma fortuna com a montagem de um depósito de secos e molhados, logo ali na Rua de Cima.

Mesmo sendo homem de algumas posses, o portuga ficou madurão sem se casar, pois diziam as más línguas que não era amigo do banho e que, de longe, seus interlocutores adivinhavam sua chegada, quer pelos vigorosos escarros, quer pelo cheiro de sovaco que empestava os ares.

Consta também que o Joaquim era apaixonado pela balzaqueana Maricota, uma cheirosa mulata-januarensense, de largos culotes e lindos cabelos anelados.

Sem coragem para “chegar” na mulata, o portuga resolveu conquistar a simpatia de sua velha-mãe, fingindo fidelidades ao catolicismo-romano, razão pela qual conseguira a autorização para, finalmente, ir á casa da pretendida, tomar um cafezinho com beijú e fazer-lhe a corte.

Nervoso com o compromisso marcado para o próximo sábado, o Joaquim resolveu ir na sexta-feira á noite para um jogo de carteadado, junto aos marinheiros do Bem-Bom.

Jogara pouco e bebera pouco, recolhendo-se cedo, muito preocupado com o que diria a Maricota no dia seguinte.

Sábado, ás quatro da tarde em ponto, está o Joaquim a bater nos portões da casa da moça, prontíssimo, de bigodes intumescidos com vaselina e vestido com o velho paletó de casimira de seu pai – dois números menor que o seu – o que lhe

deixava com os movimentos do tórax comprometidos e parte dos antebraços a mostra.

Dona-Menina veio e atendeu prontamente ao portuga, convidando-o a entrar e sentar-se, dizendo constrangida que Maricota demoraria um pouco, por estar lavando os cabelos.

A velha não queria dizer da má vontade de sua caçula em suportar o futúm do portuga. Avançando nas idades, a moça encaminhava-se a passos largos como candidata ao caritó, o que desgostava sua mãe que, por isso mesmo, buscava arranjar-lhe um casamento.

Sentado no banco de palhinha, o Joaquim esperava pacientemente pela Maricota, enquanto alguma coisa líquida começou a remexer-se em seu ventre.

Como adiantamos, tal era o contexto: não havia banheiros e as necessidades fisiológicas das pessoas ou eram despejadas no pinico debaixo da cama, ou arranjadas no matinho do quintal das casas, claro, aquelas que o possuíam.

Joaquim Manoel segue contorcendo-se de dor no calor daquela modorrenta tarde sertaneja, lembrando-se da dobradinha com torresmo que comera na noite anterior, no boteco do Bem-Bom.

Lembrou-se também da pinga com carqueja que jogou por cima, a fim de disfarçar o azedinho da dobradinha e, logo, ficou claro que não daria tempo de ganhar a rua para esvaziar os intestinos.

É assim que espiando o quintal pela janela, o portuga retira a botina direita e a velha meia, esvaziando os intestinos ali mesmo no canto da sala, guardando todo o conteúdo dentro da meia, enquanto dava-lhe um nó pelo cano da boca, ao fim do “serviço”.

Ao sungar as calças, o portuga pensou ter ouvido a voz da Maricota discutindo com a mãe no quintal. Então ele se desespera e começa a rodar a meia em movimentos circulares a fim de atirar o conteúdo fedorento a rua.

Mas, não foi feliz!

No terceiro movimento circular o nó abrira vazando todo o conteúdo nas paredes da sala de Dona-Menina, empestecendo o ar com o denso miasma da caganêira-lusitana.

Ato contínuo, o português ganha a rua, esbaforido, percorrendo aos tropeções a distância que o separava de seu armazém.

Naquela mesma noite, o português recebe um moleque de recado dizendo que Dona Menina reclama a limpeza de sua sala de estar, que o ingrato deixara interditada.

Pelo mesmo menino, um Joaquim constrangido requisita os serviços do baiano Zé-da-Quixaba, que morava logo ali na rua da praia, para uma empreita urgente no domingo de manhã, cedo, emendando no recado que pagava-se bem.

No outro dia as oito, o Quixaba ressaqueado e de má-vontade, enxada, formão e embornal a tiracolo bate às portas do Joaquim-Manoel.

O portuga mal dormido já o esperava e ganham a rua rapidamente, até a casa da Maricota, tocando para o endereço da Mata Machado.

Zé-da-Quixaba vai caminhando atrás, incazinado, todo desconfiado da incomum gentileza do português...

Chegando na casa, adentra o português na sala sem pedir licença a fim de logo mostrar o “serviço” ao baiano, cultivando a esperança de escorregar-se na rua sem que a Maricota ou sua mãe o interpelem.

O Quixaba, cheirando o ar e apreciando o “barrado” nas paredes, exclama:

— Vige Noss’inhora du Rusáro: Cagáro-nu-mundo!!!

E o portuga, gesticulando com as mãos para que se falasse baixinho:

— Ajuda-me ó gajo-velho. Dou-te quinhentos mil réis para limpares as paredes rapidamente, a fim de que me livre deste problema, ó pá!

Ao que o Quixaba, com a gola da camisa rota já enrolada no nariz, responde exasperado:

— E eu te dou mil, prá você me ensinar a cagár-rodando ansim, português imundo! Malacafento!!! Tú aí fica com tua inháca, siéba...

E caminhando para a porta da rua, completou:

— Quem pariu Mateus que o embalânçe!



– Cigarrinho da *Sciência* –

Carrap-Dum: cachaça inda mata um!

(Manoel Ambrósio, manuscrito sem data, *sic*)

Conta-nos o cronista da Rua de Baixo que o Zé-da-Quixaba era um baiano-cansado e, uma vez avançado nos janeiros, sem mais poder suportar os trabalhos da roça, resolvera abrir um buteco beira-rio.

Por essa época o São-Chico era majestoso, de águas muitas em que se podiam ver os bigodões dos Surubis que por aí passavam, nos cardumes, ao largo, como lembrava Seo-Binú.

Era assim que, mesmo na estação seca, o basilisco dava um volteio em seu próprio canal, lançando um braço de rio que passava bem no centro da currutela do Salgado.

Foi nessa ilhota, que se formou entre o braço de rio e o canal que, em um barranco bem aprazível, o Quixaba construíra a sua vendinha, com acesso ao centro do povoado por uma pinguela que ele mesmo improvisara, usando um tronco de páu-perêiro.

Quixaba andava muito preocupado com o futuro de seu empreendimento, visto que a paciência com a freguesia já tinha se acabado, antes mesmo de começar...

Todos os dias, ao abrir da portinhola, lá vinham seus fregueses mais contumazes, n'um alvoroço de espantar-passarinho: era o sexteto formado pelo Zé-cabrinha, o João-rosendo, o Jurema-véi, o negro-Bororó, o Geraldo-cadela e o Mané-pinguinha (vulgo peida-pinga).

Nada exasperava mais o Quixaba do que vender pinga-fiado, de quebra tendo de aguentar a pabulagem daquela *quinta-fêra-de-beb'dos*!

Mas n'uma bela manhã de sábado, eis que a sorte sorri para o Quixaba, quando encosta na beira do rio uma luzídio Jepp Willis, 1948, zóiudo e barulhento. Quixaba apruma a vista e vê dele descer quatro rapazolas-brancos, com ares de festa.

Pelo linguajar, sem dúvida era gente de fora, de Sampauro, talvez.

E pensa o Quixaba, se abrindo em sorrisos:

— Uai, essas gente-grande no meu buteco? É hoji que vô tirá o pé-da-lama. Transformá meu bar in lugá de lordeza...

Os rapazes muito educados, pediram uma cerveja e uma porção de peixe frito.

Veio o peixe, mas no lugar da cerveja só mesmo a fofa-toba com limão, que era o que havia.

Sacaram de um violão e foi aquela cantoria a tarde toda, entremeada pelos banhos de rio.

O Quixaba, desprevenido, botou logo o menino para correr no Alemão e trazer cerveja em garrafa para os novos clientes.

E desce pinga, e mais cerveja.

O movimentou aumentou e o Quixaba montou mais uma mesa.

Mais cerveja quente e mais peixe.

Com pouco, silenciaram, pararam de pedir cerveja.

Não queriam mais pinga.

O Quixaba encafifou.

Todo mundo parou de beber.

Foram a beira do rio, enrolar cigarros de papel...

— Uai, será qu'évão imbora? Tava bom demais prá sê verdade...

Os meninos da cidade-grande somente fumavam e pulavam no rio, até que o sol começou a se por.

Depois pediram a conta e foram-se embora, tão rápido que nem deu para esticar conversa.

O Quixaba, satisfeito com a fatura do dia, foi-se para recolher garrafas, pratos, mesas e cascos de vidro que já era hora.

Muita muriçoca na beira do rio, ao anoitecer...

O Quixaba tinha o péssimo costume de beber os restos de pinga e cerveja que seus clientes deixavam no copo.

Era seu jeito miserável de beber, sem precisar gastar do estoque.

E segue o butequero recolhendo os cascos. E bebendo seus restos.

Ao dobrar a mesa, o Quixaba nota um tanto de bitucas de cigarro no chão. Cigarros estranhos, dos quais ele nunca vira.

Como já estava meio alto das pingas que bebera e os mosquitos eram muitos, recolheu uma bituca maior na areia, soprou a sujeira e ascendeu o cigarrinho, sentando-se na beira.

Fora sua última lembrança!

Dentro em poucos minutos, o baiano sentiu um calor no peito, vontade de pular igual caçote, frio e calor ao mesmo tempo.

Pulou na água, pulou na mesa, outro pulo e já saiu na portinhola do buteco.

Chega o Jurema, querendo tomar uma para dormir e o Quixaba, de um salto, joga o freguês do outro lado da rua.

Sentiu sede.

Entrou no bar e se abraçou com o pote, bebendo toda a água.

Matada a sede terrível, começou a pensar que devia de haver alguma ciência naquele cigarro...

Atacou-lhe a fome.

O baianêro deu nas prateleiras e roeu duas rapaduras, depois comeu um quilo de farinha prá arrebatat, pensando consigo, que com essa fome toda, devia de ter alguma ciência naquele cigarrinho...

Quixaba saiu do bar, deixando tudo aberto.

Deu vontade de correr.

Correu e trepou no olho do pé de manga com rapidez e facilidade. De lá de cima viu a Villa e pensou:

— Uai, tem ciência nesse cigarro! Tem ciência nesse cigarrim...

Desceu da mangueira e tornou entrar no rio para aliviar o calor.

Saiu do rio, correu para casa todo molhado.

Chegando, encontrou a mulher e relou-lhe a mão na intimidade.

Não era sua mulher, entrara na casa errada!

Foi expulso a vassouradas.

Saltou na cerca vizinha. Rasgou-se no arame.

Parou e pensou, consigo-mesmo:

— Deu revestrés!!! Seráes qui foi a pinga, o resto de cerveja?

— Foi naum, foi o cigarrim!

— Tem ciência naquelle cigarro...

Caiu na estrada trotando novamente, correu para o caminho da Quinta, viu uma pinguela, atravessou n'uma perna só.

Entrou num pasto, bateu de testa com um boi.

O boi caiu tonto.

E o Quixaba, coçando a testa com a mão, pensou:

— Uai, tem ciência nesse cigarro! Tem ciência nesse cigarrim...

Chegou o filho correndo atrás, para acodir o Quixaba:

— O que foi pai? O que o senhor têm? Endoidô!...

— É não minino, é que tem ciência naquelle cigarro! Tem ciência naquelle cigarro...

E o Zé sai do pasto e volta para casa correndo.

Viu a estrada mudando de lugar, ora alargava, ora afinava.

Deram uns cachorros no seu calcanhar.

O Quixaba ficou de quatro e mordeu os cachorros.

Os cães correram, ganindo.

E o Quixaba, todo esfolado da briga com os cachorros, pensou:

— Tem ciência naquelle cigarro! Tem ciência naquelle cigarro...

Chegou na rua de sua casa de novo...

A vizinha se adiantou e meteu-lhe o tapa na cara, mostrando uma peixeira, ele pulou de lado, esquipou, subiu no cerca, trepou no pé de gameleira...

Espantou os periquitos do olho da árvore, e de lá de cima ficou olhando e pensando:

— Tem ciência nesse cigarro! Tem ciência nesse cigarro!...

Finalmente o Zé adormeceu no galho da gameleira.

O filho e o vizinho subiram e desceram com ele de lá, amarrado numa padiola, todo desfalecido.

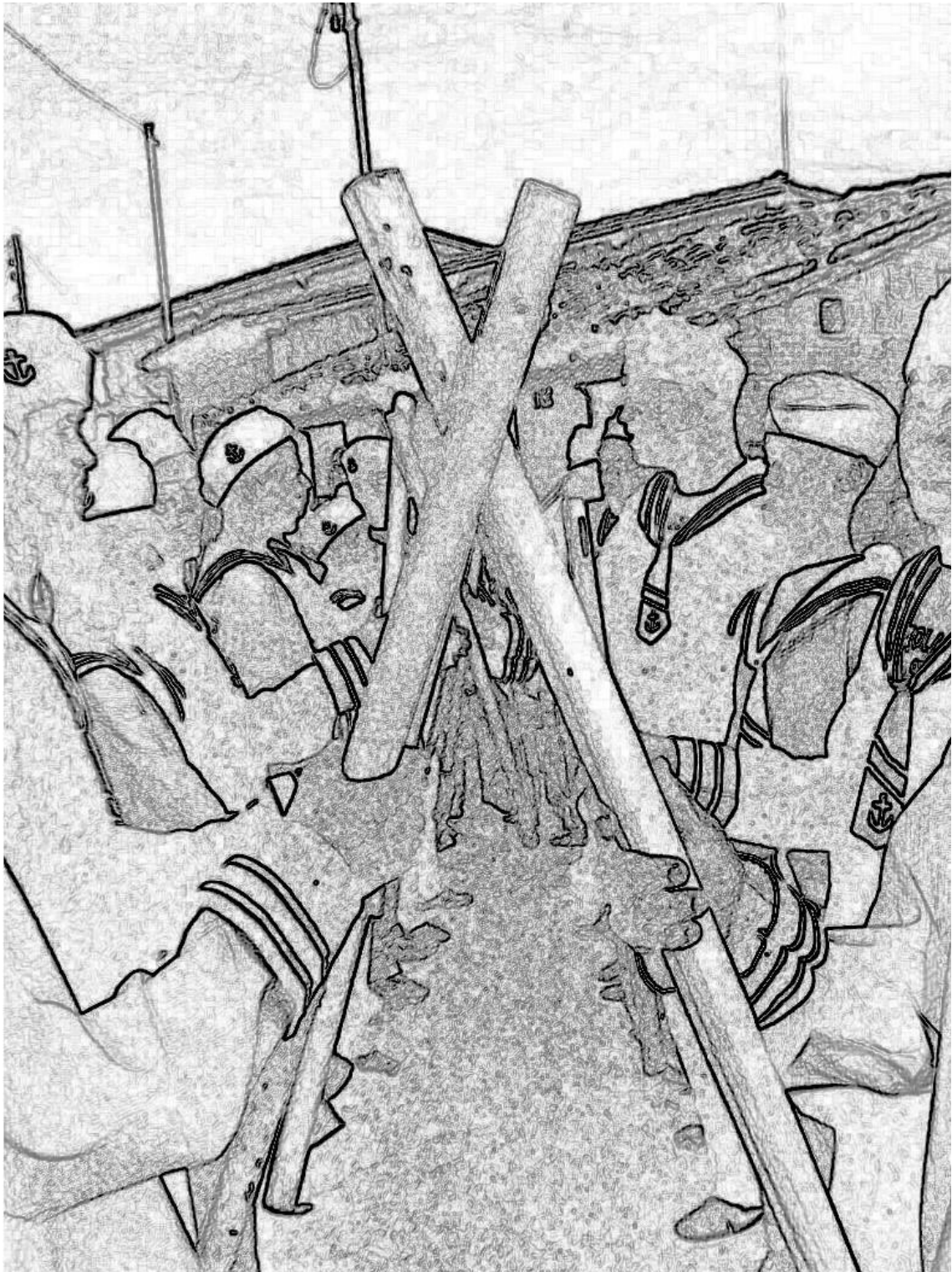
No outro dia de manhã, o Zé acorda, amarrado na poltrona, com os pés dentro de uma bacia d'água.

Ele vê sua mulher, insone, toda descabelada:

— Homi de deus! Ú quê cê foi fazê no z'ôio d'aquele páo? As vizinhança tá tudo assombrada, até os cachorro fugiro d'ocê... O qui foi homi?

E o Quixaba, reconhecendo-se em casa, sentindo o corpo todo dolorido, pensou alto consigo mesmo e exclamou:

— Tem ciência naquelle cigarro! Tem ciência naquelle cigarrim!



- Reis de Briga -

*Deixemo de arrelia!
Deixemo de preba!
Sta pensano que birimbao é gaita?
Stá intrapigaitado, estabofonetico,
estupefático!
Ê diabú!*

(Manoel Ambrósio, Ditados,
manuscrito sem data, sic)

Ali no Comércio, festa que não acaba em bisoronha, briga ou rebendita, não foi festa, ou não foi em Januária. Aquela festinha bonitinha, expressão de alegria e veneração a um passado comum é privilégio do Amaparo...

Seis quilômetros abaixo, na margem do rio, a latúmia é outra.

Aqui a gente conta os conto é em outros quinhentos...

É que a união de um povo no entorno de seus símbolos comuns sempre tolera divisões clânicas... e territoriais... conflitos estes, normalmente resolvidos na porrada:

– Meto-lhe a pôrra!...

Dentre nós, januaenses, é certo que existem gradientes de identidade, que dividem os ribeirinhos da cidade, dos tabaréus e geraizeiros do cerrado; além de outras divisões mais refinadas, como a dos mamelucos da Rua de Cima; em contraponto aos cafusos da Rua de Baixo.

Antigas tribuzanas-fraticidas, enfim...

E foi bem n'um Reis-de-Boi que vivi uma dessas brigas.

Esse barulho deve de ter acontecido em 1985 ou 1986, mais ou menos...

Sempre zambuados com os moleques da Rua de Baixo, naquele ano, organizamos nossa própria jagunçagem, a fim de brincar um Boi ampliado, por becos e largos d'além de nosso bairro.

E foi isso. Todos devidamente precatados.

Emboabas-somos, gente muito inzoneira, porque:

– Filho-de-pêxe é pêxinho, e filho-de-gato é gatinho!

Nestes agigos, nada melhor que caminhar junto á ganga, prevenindo encontros com os cangoncheiros da Rua de Baixo.

Minha ganga era formada por gente de muito valor: todos os Junios da Rua (de Bete, de Délcio, de Lita, de Ramiro), Hélim-cavêira, Buiúzim-pescador, Carlim-de-ferro-velho, Kindura-da-galiléia, Cristiano-dentuço, Alexandre-branquelo, Dilson-cabêlo-de-fôgo, Marcão-bûrracha, Finado-Duca (esse amiguinho era tão amarelo e letárgico que já o tratávamos como defunto), Zeím-arirí, Duardão-bôca-de-fossa, João-tolo, Rônan-preguiça, Carlim-teiú, Léo-buchim, Sílvo-cabeça-de-cimento e Rubão-barriga-de-lama; além de nosso valente cão de caça, um vira-latas preto chamado Xodó...

Vinte e duas almas-briguentas, somando-se humanos e canídeos.

Éramos um time de futebol completo, com direito a goleiros e reservas.

Treinávamos no campo de seu Zézim-caga-em-pé: um tiozinho entusiasta de futebol de várzea, que cuidava de manter o campinho limpo para a garotagem.

Seu Zézim era deficiente físico e um dos nossos jurou que o viu fazendo cocô-de-pé, daí o apelido-pejorativo dado a nosso querido técnico (sacanagem, me arrependo sinceramente disso!).

Toda essa farândula de arengueiros tinha como agenda comum o futebol e as brincadeiras de rua, dentre elas, os Reis de Caixa improvisados. Por alguma razão que agora não me lembro, n'aquele ano fui para a rua com minha roupa de marinheiro.

Tratava-se de linda indumentária do *Terno dos Temerosos* com a qual desfilei na avenida em um sete de setembro, junto com minha Professora, Dona Maura.

Minha mãe guardava, havia alguns anos, aquela roupa com cuidado no fundo da gaveta e eu a surrupiei prá ocasião... As calças já estavam bem curtas, mas a camisa ainda serviu bem.

Lembro-me que catamos muito papel, ferro-velho, madeirite, papelão, arames e fomos prá rua, brincar o Reis de Boi. Brincamos na pracinha da Copasa, no Cais, na praça do banco do Nordeste e depois adentramos a Mata-Machado, em direção ao Bê-m-Bom...

Vindo pela Barão de São Romão, lá das bandas do Parquinho-Infantil, já avistamos os arengueiros da Rua de Baixo.

Évinham com um Reis de Boi bem ornamentado, com alegorias do Boi e da Mulinha-de-ouro muito perfeitos, ainda mais os tambores finos e decorados...

Fomos nos aproximando, cantando e batendo caixas, com tudo indo bem.

Os Bois se misturaram, como de costume.

Tudo muito divertido em princípio, mas as fantasias de nossos opositores, feitas por mestres artesãos, contrastavam com as nossas, que não passavam de gambiarras de papelão mal cortado e latas velhas...

Aí é que morava o problema!

Os cafusos da Rua de Baixo danaram a cafangar de nós, sem nenhum respeito, fundamentando a pilhéria em nosso mal-ajambrado Boi.

Humilhados, ressentidos e desmoralizados, amuamos nas calçadas e começou o *renrenren*. Passei a mão na cintura e não achei nada, desprecato, com aquela roupa de marinheiro com que pretendia, num Boi-ideal, impressionar uma certa-pessoa.

Claro que já fui adivinhando o desfecho aziago do encontro...

E bastou um pisão no pé de alguém, prá estourar a costumeira e ancestral briziguiada-dos-infernos.

O arsenal da molecada era bem diversificado à época. Compunha-se de pedregulhos, badoques, estilingues de sôro, ganchos de pereiro, ferros e correntes de bicicleta, chicotes de corda e qualquer instrumento achado que prendesse no elástico do calção, além do próprio catarro da garganta, que cuspiamos no olho do outro:

– Si for'ômi cospe aqui!...

Daí o pau-quebrou, em meio a uma enxurrada de palavrões, murros e chutes na canela de quem se alcançasse... até que o líder dos cafusos surgiu, majestoso, com um enorme pau-de-bósta na mão.

Aqui é preciso uma pausa.

Um pau-de-bósta, bem preparado, é algo similar a uma arma-atômica: pavoroso, destrutivo, não deixando possibilidades de defesa a ninguém.

Era o artefato composto de um cabo de vassoura partido ao meio, besuntado em bósta-velha de monturo, merda de gente, diga-se de passagem, porque bósta de cachorro e cavalo não metiam medo.

Em uma das pontas, o pau era enrolado num trapo velho para que o guerreiro não melasse a própria mão.

Esse armamento era pressentido a quilômetros de distância e só os mais fortes, aguerridos e desprovidos de olfato, conseguiam manejá-lo.

Diante da ameaça coletiva, saquei logo de uma lasca de paralepípede no calçamento e me pus á frente. Meus valorosos guerreiros, de repente desvalorizados, começaram a dar-de-ré, como que esperando uma reação.

Calculei rápido: bastava rachar a cabeça do líder deles na pedra, tomar o pau-de-bósta e expulsar os cafusos de volta pro seu território, mas...

Não sei mais quem começou a correr primeiro, porque princípio de cantiga é assobio.

Atravessamos em desespero a praça do Banco do Nordeste, depois a praça Getúlio Vargas, a Visconde de Ouro Preto e a pracinha da Copasa, tudo de um único fôlego, só parando debaixo do pé-de-flics, no bêco de Dona-Adélia, já em nosso território...

De pés escarnejados da correria e as almas-derrotadas, ainda tive de suportar todos me olhando com menosprezo, como se fosse meã-culpa a covardia do grupo.

Carlim-ferro-velho, um moleque-orelhudo tirado a valentão, ainda nos conclamou a voltar à batalha com as mãos cheias de pedras. Mas com todo mundo sujo, estropiado e desmoralizado, ninguém mais se moveu...

Limitei-me a balbuciar a estratégia salvadora:

– Ano que vem temos de levar nosso próprio pau-de-bósta!...

O constrangimento foi quebrado pelo grito das mães.

Já passava das dez da noite e toca cada um para sua casa que amanhã é outro dia.

Alguém ainda lembrou que, na correria, perdemos nossos tambores de lata e o cachorro...

E pensar que bastava ter rachado o côco-da-cabeça daquele moleque da Rua de Baixo, tomar-lhe o pau-de-bósta e declarar vitória...

Como desgraça-pouco-é-bobagem, entrando em casa ainda levei um xingo e um pescoção de minha mãe, porque estava destruída minha farda de Temeroso.

E minha dignidade...

Já quase entrando no banheiro, mais um xingo e um puxão de cabelo: a babá denunciava a perda de minhas havaianas-novas.

Havaiana era artigo caro na época, e precisava durar ao menos dois anos, prá compensar o investimento.

Derrotado, derrotíssimo, derrotadíssimo por um réles pau-de-bósta! Liguei o chuveiro e chorei de raiva:

– Esse povo da Rua de Baixo não tem limites, não obedecem às regras da convivência: sacanas, filhos-de-uma-égua, Barzabú!!!

Por causa da briga (e da vergonha pela carreira-sofrida), fiquei prá sempre impedido de ver Priscila, uma linda princesa-negra, de sorriso alvíssimo e largas-ancas, que morava nas imediações do Bêm-Bom...

Pobre de mim, desde criança-pequena, sofrendo da eterna privação da virilha-absoluta!

Culpa d’aqueles valentões-encrenqueiros da Rua de Baixo...



AMOR

*- Qualquer paixão me adiverte...
Oh coisa boa a gente andar solto, sem
obrigação nenhuma e bem com Deus!!!
- Não me importo! Aonde o
jegue me levar, nós vamos[.]*

(João Guimarães-Rosa, 1996, p. 44)



– Lugares Formosos –

***O senhor vá lá, verá. Os lugares sempre estão
aí em si, para confirmar. Muito deleitável.
Claráguas, fontes, sombreado e sol.***

(João Guimarães-Rosa, 1982, p. 24)

Volvi aos lugares formosos.

Levei a câmara e gravei meu ante-avô: sabedoria do levítico.

Sopeira foi comigo aos lugares e rios que eu mais gostava, quando de sua idade.

Comemos um monte de coisas gostosas, engendradas nas mãos mágicas de minha Tia Tônha: beijú; preguiça; feijão crioulo...

Dormi muito, acho que minha insônia está ligada a eletricidade, a artificialidade.

A vida a luz de candinheiro, tem outro sabor.

Matamos e assamos um Carneiro.

Sopeira, de olhos arregalados, achou a maior das barbaridades matar um bichinho dócil como aquele e depois comê-lo.

Miou de medo.

Fiz doce de buriti numa trempe improvisada, à sombra do abacateiro que morre um pouco a cada dia...

Rimos muito dos causos meio-verídicos de meu Tio Válter, a luz da fogueira... tudo regado a cerveja quente e cachaça...

Também descobri que estou mais velho (como se não soubesse), pois fomos refazer velhos caminhos... o trajeto da casa do meu tio até o rancho de outro tio.

Não me lembrava que era tão longe e tive que carregar Sopeirinha nas costas, porque ele arregou...

Bom demais rever a parte índia-da-família, assentada que está desde sempre em seus lugares formosos.

Impressão boa de que as coisas não mudaram e o tempo passou devagar...

Por fim, vida simples, água abundante e gratuita.

Não tem fatura de energia, sem impostos, telefone, internet...

Os mestrados são realizados ao longo da vida, sem processo seletivo...

Às pessoas se amam muito, mas só demonstram isso pedindo a benção, ou alimentando-se umas as outras.

Os animais, ou são muito dóceis, ou muito bravos e os cursos d'água desconhecem o aquecimento global...

Volto logo que puder ao jardim botânico do Cerrado Brasileiro, aliás, nem queria vir embora...

Hasta la vista, hasta siempre...

À benção, meu tio?!



– *Ecce Homo* –

“[P]orque: passarinho que se debruça – o vôo está pronto!”

(João Guimarães-Rosa, 1982, p. 13)

Eis aí o homem: Levi Carneiro Magalhães, da pura cepa dos judeus da península, talvez as criaturas mais perigosas e recalcitrantes de todo o reino animal...

Nascido antes da Primeira Grande Guerra, meu ancestral-levita já carrega um século sobre os brancos-ombros, mas definitivamente não aparenta...

É n’ele que sempre venho buscar algum alívio e alguma luz...

Imagino que um homem que já viveu tanto não pode se surpreender com mais nada e, ainda, que sempre tenha algo a me dizer sobre qualquer acontecido entre o céu e a terra...

Recebida a benção, começo falando-lhe de meus próximos descaminhos-amazônidas e emendo perguntando, qual senda tomar: a do salto-pagão ou a da culpa-cristã?

Elle me chama de “junião”, o que me enche de sabor.

No léxico-levita, esse *ão* resume tudo o que pensamos e como vemos o outro-alguém... diz que *“um homem deve seguir seu destino e seu próprio coração”* – é assim meu sábio-guru: só responde minhas perguntas com outros enigmas, ou forçando-me a vislumbrar o espelho do ego.

O homem centenário continua sua homilia, cachimbando antigos-tabacos e olhando para o nada, como se eu não mais estivesse ali:

“Que uns nascem prá viver muito e outros prá viver pouco, por isso a morte não deve ocupar nossos pensamentos”.

Que a morte só vem quando o espírito se entrega.

“É preciso sempre fortalecer o espírito.”

Que elle mesmo, já esteve morto em várias oportunidades, mas o espírito sempre teimou e, quando o espírito teima, o corpo é obrigado a levantar-se.

Que preciso seguir meu caminho.

Que “preciso experimentar de muitas febres-moléstias e confiar na natureza, porque a natureza é perfeita”...

Sabedoria do levítico.

Sempre tem sido: meu mil-avô nunca me brindou com respostas diretas, mas eu gosto assim, ou aprendi a gostar...

Desde a primeira infância, sempre seguro quando bem perto de sua calva-brancura.

Perto d'elle sempre tenho a certeza de que nada mais preciso realizar, ele já fez tudo nessas paragens e quanto a mim, basta ser seu orgulhoso filho-neto.

Trata-se de um homem que desenhou cidades-formosas na própria mente; que construiu e legislou sobre ela-mesma por dezesseis longos anos; um homem a quem o poder, antes de ser afrodisíaco, é objeto de enfado.

Que dominou e reinou sobre gigantesca terra aborígene.

Assim é-que-é: no país do grande-sertão, das antigas possessões do Cacique *Cari* até as veredas dos patos de Pedro-Alexo, todos respeitam-admiram a grandeza-generosa do sertanista-Levi...

Trata-se também de um homem de centenas: de anos; de mulheres; de gadaria; de admiradores; de filhos-descendentes.

Mesmo depois de três casamentos-enviuvados, nunca se deu ao trabalho de contar sua descendência sobre a terra.

Só intui as centenas.

Declara em humores que “só os conta na bebida-d’água”, tal como fazia com o gado.

Extra-oficialmente, já descobri por aí alguns de seus “afilhados”.

São muitos!

Herança de seus tempos de boiadeiro-andarilho, que elle tão bem soube cultivar: nas formigas; paranãs; curvelos e varginhas da vida...

Amenizamos e pergunto-lhe: o que achar das mulheres na política?!

Elle diz enfático que *“nas antigas escrituras do deus-judaico está escrito: o governo é dos homens!”* mas emenda que, *“como vivemos em uma era de homens-ladrões e preguiçosos, é preciso entregar o governo as mulheres!”*

Sabedoria de Levi.

Sempre venerei seu machismo-ameno, de macho que ama e aprecia quadris-femininos: todos elles.

Orgulho-inchado de ter essa gen em minhas veias: a gen de um grande-branco que aprecia (todas) as mulheres: índias; negras; brancas; pardas e mestiças; gordas e magras de todos os jeitos e texturas...

Agora quero saber dos gentios, de como elles são e de como estar junto d’elles, sem perigo de ódio...

Elle me diz em tom de prelúdio de um índio-missionheiro alcunhado Felipão, que foi seu correio particular por longos anos. Um homem silvícola que *“caminhava dez léguas em uma única noite”*, sempre recusando o uso do cavalo...

Fala dos topônimos bárbaros, o *Piratinga*, o *Carinhanha*, o grande *Opará*; da *“gentileza e do falar baixinho dos indígenas em comunhão”*, dos cabelos ameríndios que tem a formosura e textura da crina-cavalar; de como são elles caninos em suas alianças...

Provoco ainda mais a ecologia de Levi, perguntando meus achismos sobre a criação do Parque Nacional Grande Sertão Veredas...

Desequilíbrio!

O Carneiro-grande fala dos meninos-doutores da universidade que só trouxeram desequilíbrio, estribados em seus saberes estranhos...

“Quem sabe manejar os antigos campos-gerais são os velhos!”

Fala da retirada de quatrocentas famílias da área sem sequer ouvi-los, sem sequer dialogar com seus velhos saberes.

Desequilíbrio.

Não sabiam os doutores que aqueles – agora considerados – depredadores, já faziam parte da teia do parque, de sua antiga cadeia ecológica.

Na percepção levítica, o parque devia ser constituído simplesmente de homens encarregados de guardar e proteger a fauna, porque a flora tem uma lógica milenar, que não precisa ser mexida ou remexida.

Sempre foi assim, “desde os índios”.

E agora o resultado do neo-manejo estatal é o desequilíbrio: superpopulação de onças e *caititus* e sumiço absoluto dos animais de pequeno porte. Fogo descontrolado: milhares de animais queimados no fogo da savana. *“Não se deve proibir as queimadas, porque pequenas queimadas anuais são benfazejas. Assombrosas e apocalípticas são as queimadas gigantescas de cinco ou dez anos, que consomem rios em uma noite”.*

Desequilíbrio cartesiano.

Fogaréu descontrolado.

Gentes sem parques, e parques sem gentes, que controlem seus fogos.

Bichos sem refúgio, no lugar que devia lhes servir de refúgio.

Sabedoria de Levi.

Não posso deixar de pensar que quando meu vô resolver entregar o espírito, será como promover a queima de uma imensa biblioteca.

Assim é que é: seu empirismo-atávico beira a premonição; tal homem é capaz de prever eventos com uma década de antecedência.

E pensar que tudo isso um dia descera ao sheol.

Tamanho prejuízo de tamanhos saberes...

Nos despedimos em diferentes estranhuras: duas grossas-lágrimas correm de seus antigos-olhos...

Vou’m’embora sem saber o que dizer...

Volto prá saber se realmente vi o que vi: elle chora.

Estranha-estranhêza: em quase quatro décadas de convivência, nunca vi ou ouvi dizer que velho-levita chorasse, posto que aqui é o Sertão. Onde homem-não-chora...

Busco na vereda lamacenta o motivo-resposta prá'quelle choro-macho-contido...

Mas o que agora vejo nos olhos embaçados que emperram meu próprio dirigir é que não nos veremos mais: eis o tempo de espalhar, o de ajuntar está findo...

Maldita-intuição.

As veredas nada me respondem.

Contentam-se, indiferentes, em invernar seus invernos de chuvas, sem nada adivinhar de minhas angústias de homem-humano...



GUERRA



A fala [era] de gente de mais longe, talvez são-franciscano. Sei desse tipo de valentão que nada alardeia, sem farroma. Mas avessado, estranhão, perverso brusco, podendo desfechar com algo, de repente, por um és-não-és ... – Eu vim perguntar a vosmecê uma opinião explicada... Carregara a celha. Causava outra inquietude, sua farrusca, a catadura de canibal.

(João Guimarães-Rosa, 2005, p. 56)



– Antônio Dó homiziado na *Bela Lorena* –

Memórias de Valtão e Levi Carneiro - ¹

I

A ENCRENCA

Do Nordeste para Minas Gerais corre uma espécie de eixo, uma linha imaginária, que não por acaso segue o curso do rio da unidade nacional, o rio São Francisco. A esse eixo o Brasil tem que voltar sempre que não quiser se esquecer de que é Brasil.

(Alceu Amoroso, sem data)

Para apanhar o Dó, seria necessário que o senhor fosse Deus ou tivesse o dom da ubiquidade para agarra-lo ao mesmo tempo em São Romão, vales do Urucuia, Carinhanha e Paranã, em Goiás e em muitos outros pontos deste vasto sertão.

(Manoel Ambrósio, 2020, p. 158)

Pai conheceu muit'ele... e dizia que o Dó era um home muito educado, de fala mansa.

O povo da *Carinhanha* dizia que meu pai,² quando ainda criança vivia na cabeça da sela do Antônio Dó, quando ele passava por aqui...

¹ Nota dos transcritores: relato documentado por Ramiro Esdras Carneiro Batista e Ana Sophia de Matos Carneiro, em três noites mormacentas de fevereiro de 2023. Narrador: Valter Carneiro José, catrumano de 83 anos de idade – morador da margem do Rio Bonito, município de Formoso/MG.

² Nota dos transcritores: o pai do narrador que nos fala é Levi Carneiro Magalhães, nascido em 1913 e morto em 2019, aos 106 anos de idade. O menino-Levi, que cavalgou com Antônio Dó, é considerado um “Guardião da Cultura Crioula” do noroeste de Minas Gerais. Detalhes de sua biografia são encontrados em: ALMEIDA, Maria Zeneide Carneiro Magalhães de. *Educação e memória: velhos mestres de Minas Gerais* (1924-1944). 310 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

Pai era minino ainda e pegou aquela amizade com o Dó, que já era home feito. Dizia ele que o Dó era um véi da conversa macia... Qui todo mundo gostava d'ele.

Pai disse qu'ele era um véião-magro, alto, tinham muita amizade...

Diz que os jagunço dele também era tudo inducado. Muito disciplinado.

Aí ele ranjou essa encrenca com os fazendeiro... os fazendeiro tava maltratan'ele.

Dó era um forasteiro, como a gente tratava os de fora por aqui... E os fazendeiro não tava aceitan'o ele.

E ele comprou essa fazenda e os fazendeiro cercava as bibida dele, prá caça encrenca, não deixava ele passá cum'gado, prá bibida...

Não deixava ele passá!

E foi crescendo essa encrenca.

Ele ia na polícia e a polícia não dava jeito.

Diz que os fazendeiro tava protegido, era protegido das polícia...

Fôro mexeno nessa encrenca e aí ele trouxe um irmão dele, prá ajudá ele trabalhá na fazenda. E mataro o irmão d'ele, nessa encrenca...

Aí ele já ficou muito danado!

Aí mexia na justiça e a justiça não tomava providência.

Fazia cerca e os fazendeiro derrubava ela.

E foi crescendo aquela encrenca...

Aí intimáro ele, na justiça.

Ele não quis ir, não ía na justiça, sabia que não devia de ir, mais os amigo dele dizia que ele tinha de atender, que tinha de ir na intimação.

Aí ele arriou o burro.

Pegou e foi.

No São Francisco.

Largou o burro marrado lá.

Chegou lá, o delegado desaforou ele logo...

Chingou ele, disse qu'ele não valia nada, qu'ele era amigado, que não era casado.

E ele falô:

– Olha doutor delegado, isso não tem nada haver. Na verdade eu não sou casado, mas a mulher me respeita e eu respeito ela... ela é muito trabaiadeira e me ajuda...

– Qui nada, ocê é um a'tôa!

Dó enraivou e chegou o delegado nas espora. (risos)

Tomou e bateu no delegado, passou a perna, muntou n'ele e chegou o delegado de espora, fêiz dele mula, fêiz a maió bagacêra!!!

Pegô com muita coisa, ele muntô as espora!

Desabusado, ele foi embora e aí dero parte e a polícia foi e prendeu ele.

Aí ele arranjou um adevogado.

O adevogado vaporou o crime dele pra Januária.

Chegou com ele na Januária cedo e de tarde já soltar'ele.

Soltaro e ele foi na terra dele e já trouxe os jagunço de lá.

E chegou de volta e aí começou a fazer a maió bagacêra...

Já foi matano logo os fazendeiro.

Fazeno vingança com os fazendeiro...

Aí foi, juntô polícia e foi perseguino ele.

E foro triando essa rixa danada e foro tudo atrás dele... de veiz em quando tinha um confronto...

Teve um confronto na Serra-das-Arara!

Cê sabe disso?

O povo fala da guerra na Varge Bonita, mais teve um confronto na Serra-das-Arara que o povo não fala...

Isso foi pai que me contou.

Ele trocou tiro lá na Serra mais as polícia.

E a polícia atirou tanto que cabou a munição.

Aí o Tenente abordou ele foi no punhal!

Cercou ele lá, e porque tinha acabado as bala, ele falou:

– Vou pegá esse véio é de mão!

Aí cercô ele.

E aí disse que o Dó ainda deu muito conseio pro Tenente, ou era Sargente, num sei:

– Ó Tenente, eu sei que o senhor é um homem de coráge. Tem valô porque o senhor teve coráge de me enfrentar! I porque o senhor é um home de coráge não deve morrer... não deve morrer assim...

E ataiôu:

– Um home como o senhor não deve morrer. Eu acho bom o senhor me largá e ir embora! Muito novo prá morrê!

E o Tenente:

– Qui nada, seu veio safado, mentiroso! Eu vou te matá.

E voou prá cima do Antônio Dó.

Dó infincou o punhal na guéla dele, dizem:

– Eu vou te matar mêmo. Você não merecia morrê, mais morre de desaforado.

E aí foi só crescendo aquela rixa.

E a polícia vinha e ele derrotano, derrotano todos que vinha.

E ele sempre saia livre.

Aí um matava os jagunço d'ele.

E ele ia e vingava seus jagunço e a briga foi crescendo.

O derradeiro foi na Varge Bonita.

Esse Tenente Félão³ fez unha bagacêra lá.

Matou gente que não era de matar.

Matou inocente.

Botou fogo nas casas, foi, o Félão...

Aqui mesmo tinha um povo que era da Varge Bonita, que morava prá la'... um que se chamava Grigório. Ele disse que o pai dele tinha um fíio mudo, que escondeu esse minino do tiroteio.

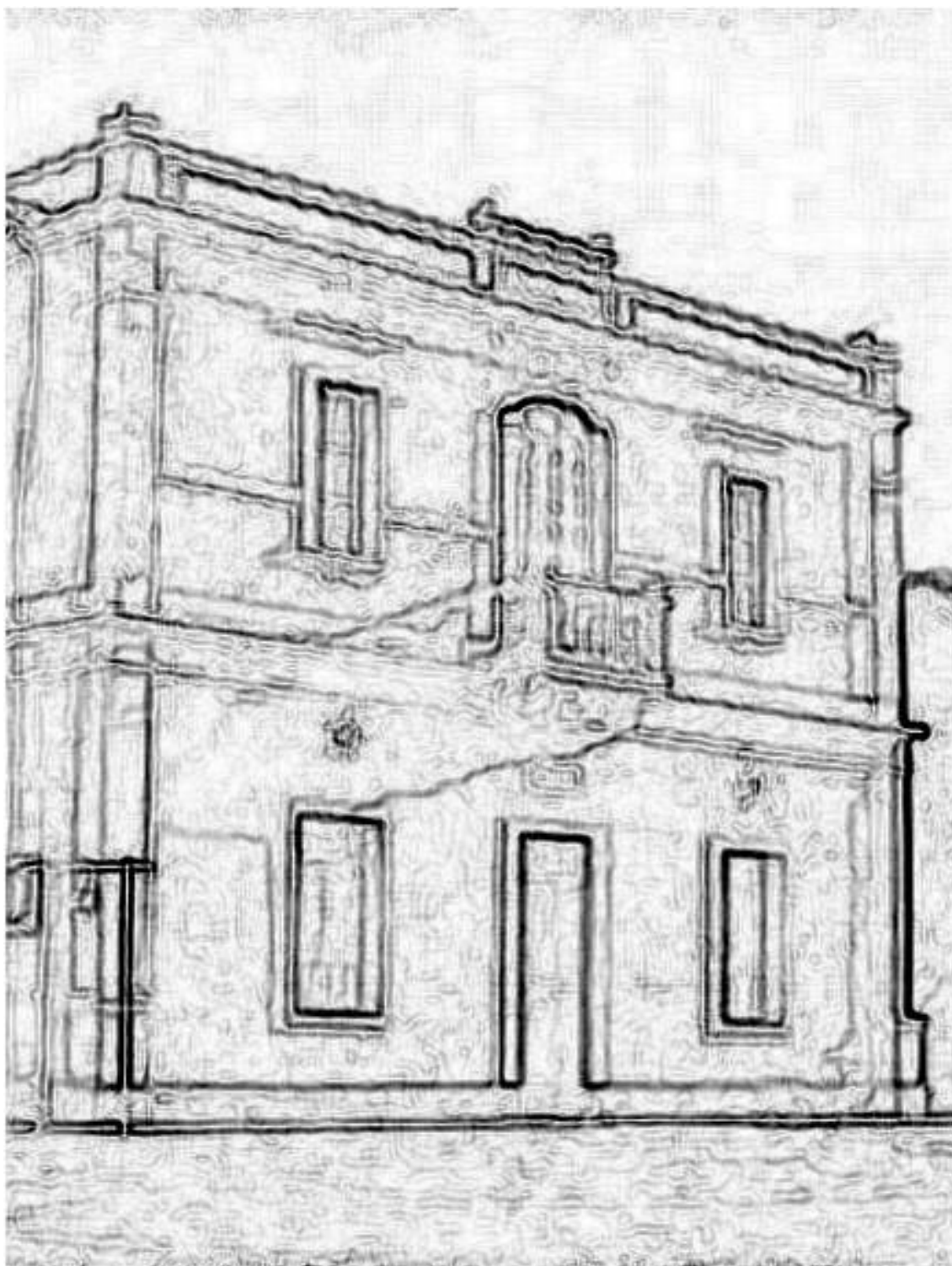
Ele escondeu na casa e botou o minininho assim, na frente dele, e escondeu com ele na casa, esperano passá o tirotêio.

Aí veio o soldado com a baionêta e espetou os dois, pai e filho, lá mesmo eles ficáro.

Ai o Félão botou fogo nas casinha do povo, e os que não morreu, saiu, veio embora. Essa turma mesmo vêio morar aqui no Gerais, aí no *Cambambú*, na beira do rio Preto.

Dessa vêiz viero fugindo de lá, o Marco-quêjo, o Pio, o Honóro. Várias fâmia que viero currida de lá...

³ Nota dos transcritores: o comandante Félão de que trata o relato era o Alferes Félix Rodrigues da Silva, militar mineiro que entrou para o anedotário popular, tamanhas as crueldades que praticou em diferentes sítios do sertão. Sobre o assunto, consultar: Francisco de Vasconcellos (1976).



II

A JAGUNÇADA

Não era um assassino, um ladrão, um insolente desrespeitador de famílias. Nas rixas e brigas tinha lá os seus motivos. Reclamava justiça.

(Gazeta de Paraopeba/MG, edição de 30 de novembro de 1941)

Jagunço é isso. Jagunço não se escabreia com perda nem derrota – quase que tudo prá ele é o igual. Nunca vi. Pra ele a vida já está assentada: comer, beber, apreciar mulher, brigar, e o fim final.

(João Guimarães-Rosa, 1982, p. 45)

Tinha um Domingão aqui, que também contava d'essas morte... diz que a morte dele é mal contada, que o Dó foi morto aqui, num lugá que chama Riachim...

Foi jagunço que matô, que poliça não dava conta d'ele.

Mas diz que num morria nem de faca, nem de tiro.

Prá matá ele, só a mão de pilão.

Sei qu'ele foi na terra dele e trouxe os jagunço.

Só trouxe cabôco escolhido.

Eu inda conheci um jagunço dele que chamava Tiáodoro, morava no Mato Grande, era um veín, brancin.

Esse foi dos que caiu no rio e correu prá cá, na briga do São Francisco.

Morreu aí, ninguém qui via dizia qu'era jagunço de Antônio Dó.

Mas os jagunço dele era disciplinado.

Ocasão, unha véia veio e disse ao Dó que o jagunço quiria fazê isso e aquilo cum a minina dela.

Dó chamôu o Cabôco:

– Ocê tava cum adiantamento lá na casa da dona?

– Tava não, mest'e.

– Tava, qu'ela me contô aqui, deita aí mode eu te sangrá, procê aprendê respeitá!...

– Deita!

Aí o cabôco deitô e ele acunhô o punhal na garganta d'ele.

E disse:

– É procê aprendê respeitá as famía.

Ele tinha unha jagunçada escoída.

Sobrou gente nessa bêra aí, que era do bando d'ele.

Tinha um Grigório-pica-fumo... Tinha unha Maroca-doida que era fia dele...

As arma era tudo de premêra, arma véia registrada, coisa boa.

Muita carabina, 44.

Eles gostava de usar esse dito rifle, o papo-amarelo, 44.

Winchéste. Tem ela de oito e de doze tiro.

Era só carabina n'aquela época.

Parô com esses clavinotão.

Era só aquelas Carabina registrada mêmo, aquilo qu'era arma.

Cada jagunço tinha u'nha carabina e u'nha capanga de bala.



III

A FUGA

Pois bem! Nessas solidões homisiara-se o Dó, voltando para Minas algum tempo depois de ter peregrinado em Goiás. De bom trato, sociável, dera-se de amizade com os habitantes do deserto [...]

(Manoel Ambrósio, 2020, p. 103)

O quartel-general de Antônio Dó era o pequeno arraial de Santo Antônio ao pé da Serra das Araras, nas primeiras vertentes do rio Pardo. Sua fama corria. Nas plagas urucuianas todos lhe queriam, por afeição ou medo de suas iras.

(Saul Martins, citado por Petrônio Braz, 2006, p. 07)

Foi desse derradêro tirotêi na Varge Bonita que ele foi pro Sítio [d'Abadia], fugino da pirsiguição das polícia-minêra...

Ai ele largô lá e entrô no gerais, aí ele trevessou o Carinhanha e saiu lá pro Gouvêia.

Esse Gouvêia fica pr'êsse geraizão aí, cortano certo saí no Sítio...

Gouvêia é um rio, unha veredôna, do lado baiano.

Essê moradô do Gouvêia depois veio prá'qui, era o pai de Zé-gordo. O dito gôrdim, o Chico-gôrdim que morava lá.

E o Dó chegou corrido e pediu socorro lá.

Com muita fome, estropiado de tanto fugí pêlo gerais e cheganho lá só tinha unha leitoa prá comê.

E o Dó comprô a leitôa.

O povo fala que Antônio Dó era um home de palavra, que quando tomava uma tropa emprestada prá guerra, marcava o dia de devolvê...

E no dia certo e na hora marcada ele vinha, ou évinha os jagunço dele, devolvê os cavalo.

Era assim, por isso qui o povo ajudava...

Intão na hora de tratá da leitôa chega o Félão mais dois polícia. Um dos polícia que guiava eles era irmão até dum Máximo-rezadô que tinha por aí...

Aí o Dó largou essa hora da leitôa, deu tirotêi e ele largou d'essa leitôa prá lá e foi s'embora.

Ele atirou no Tenente por lá e o tenente caiu e ele foi s'iembora.

Outro Tenente ficô morto de mêdo e caiu atrais dos cupim e ele proveitou e escapuliu.

Nessa ocasião ele évinha da Varge Bonita... ele subiu naquelas frontêra, desceu na Carinhanha, saiu no Cajuêro. Do Cajuêro ele travessô e saiu no Gouvêa, no gerais bahiano.

Ele traçô quase na divisa, quando saiu no Sítio e entro no Gerais.

E o Tenente évinha no rastro dele..

E o Dó riscô a testona do Tenente de bala.

Mais diz quê'se Tenente caiu num berreiro só... e foro acodi ele e largaro o Dó de mão.

O Dó chegô no Goiás a pé. E tinha um Coronel Gome lá, que mandava e desmandava.

Dó não mentiu pr'ele não. Contô toda a verdade.

O Coronel Gome escondeu ele, mandava mantimento prá ele.

Esses Tenente chegaro lá depois e procurô o Coronel.

Que de prêmeiro quem chegasse tinha que procurá o Coronel.

E o Gôme, na frente dos soldado:

– Vai minino, levá comida pros trabaiaidô!

Era comida pro Antônio Dó.

A jagunçada d'ele já tinha morrido um bocado... nisso ele já tinha matado e morrido muita gente... e ele saiu aqui nessa frontêra, sozim...

Sei que ele mexeu aí nesse gerais tudo, corrido prá Goiás e depois veio pará aqui.

Dó já era conhecido aqui dos véio da *Carinhanha*.

Ele era amigo do véio Astrim⁴.

Do Sítio ele veio aqui prá *Carinhanha*.

Ele chegou por aí e passô pro Mato Grande.

Os véi aí que era dono daí, deu prá ele unha morada lá.

Aí ele ficou mexendo com uma roça, sozim...

Nessas altura, ele tinha um jagunço que tinha dois ou três rapazim, que também era jagunço d'ele.

Nessa época onde eles sabia que tinha um home de corage, eles ia atrásis, convidá pra sê jagunço...

Tem uma história de que o Dó devia dinheiro prá Félão, eu num seio se é verdade.

Nesse época esse povo num pagava ninguém...

Diz que houve unha época que o Félão resolveu cobrá a dív'da.

Disse que arriou um burro aí na Formosa e chegou aqui, mais os fíio dele prá cobrá o Dó.

Veio batê no Mato Grande.

Chegô na casa ele não tava.

– Tá na roça.

Mandaro chamá ele na roça.

E o Dó veio, facãozim na cintura.

O Félão chegô e entrô lá na casa.

Quando o Dó chegô na porta que botô os óio nesse dito Félão, disse:

– Cê tá'qui vagabundo, sem vergonha? O quê que cês viêro fazê aqui?

⁴ Nota dos transcritores: Trata-se do Senhor Astrogildo Carneiro, patriarca da Bela-Lorena, bisavô do atual narrador e pai de Levi Carneiro Magalhães.

E passou a mão no facão...

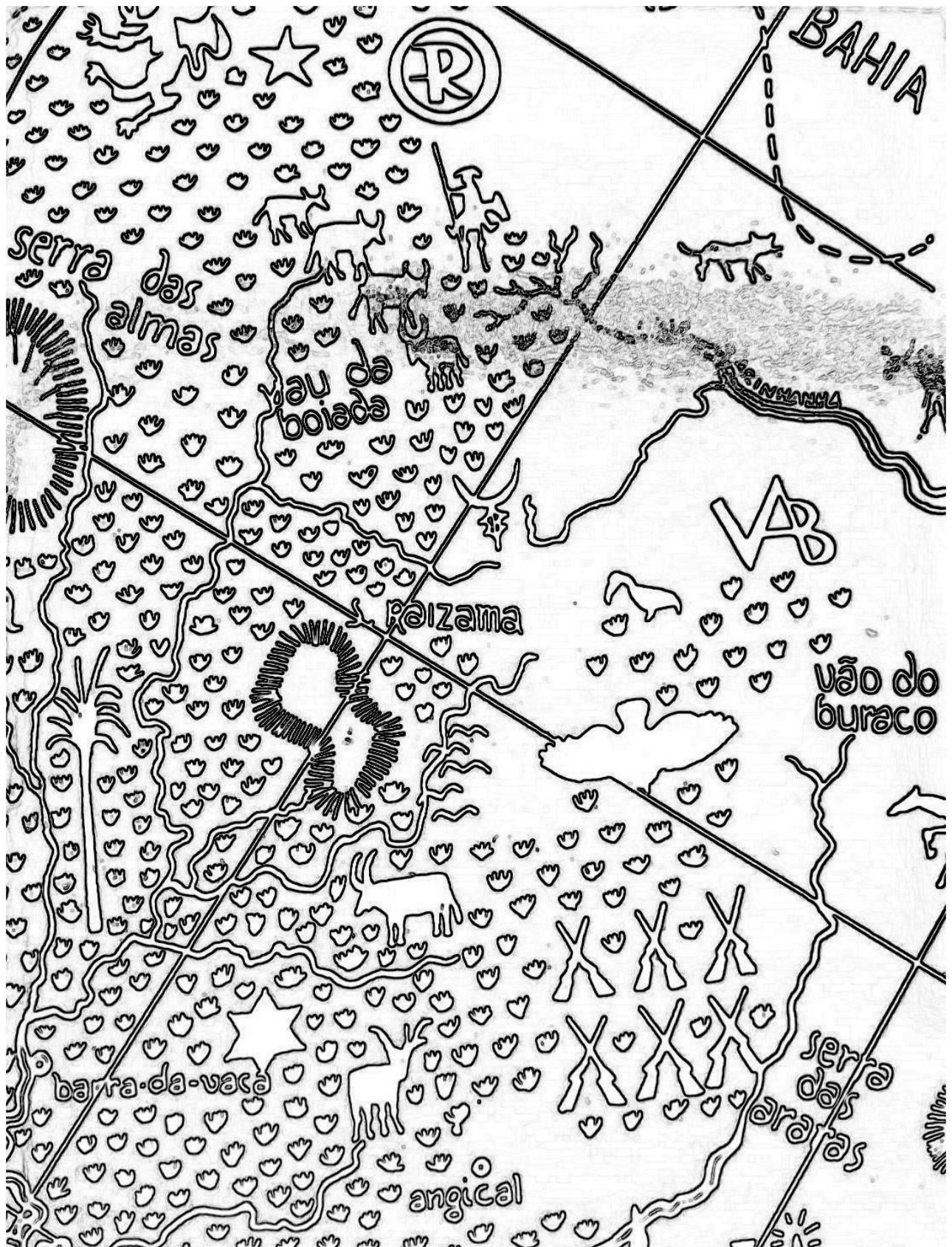
Diz que o Felão muntô no burro e foi s'imbora, sem reagí.

Aqui, foi a derradeira vêiz que viro o tal Félão.

Nesse tempo pai era molequim assim, e o Dó não tirava ele do colo.

Êles era muito amigo. Pai disse que ele tinha uma conversinha mansa, aquêles falar mansinho, ninguém falava qu'era o terrível Antonio-Dó.

Sei que ele ficô habitano aí e panhava pai e botava no colo...



IV

A ÊMPATIA

Porque esse homem não morre assim. Bala é bobagem para ele. – Ele atira muito bem e não perde pontaria. – Nada meninos! Eu também sei disto; mas, o que você ignoram é que: [p]ara gente que bala respeita só mão de pilão na cabeça.

(Manoel Ambrósio, 2020, p. 146)

Antônio Dó. O chefe dos jagunços contra o qual o governo se cansou de mandar expedições que voltavam sempre derrotadas e, se facilitassem, sem o comandante. Dó, que antes de ser um jagunço era um humilde camponês, não permitiu nenhuma vitória às forças policiais que o perseguiram.

(Napoleão Valadares, 2006, p. 13)

Do corpo fechado... a escutação era essa.

O povo comentava era isso: que bala não entrava nele!

Disse que ele fazia o círculo assim ó! Quando ele chegava com a turma prá um lugá de batalha, ele marcava o círculo e dizia:

– Ôces não passa pra lá não, a luta é dentro do círculo. Fica dentro desse círculo.

E bala não funcionava aí, onde ele marcava.

Pai que me contava isso...

Dêva de ter a ver com a êmpatia dele!

Eu num sei... Ele fazia o círculo dele...

Na Varge Bonita mêrmo, um dos jagunço dele avançou prá apanhar um fuzil e saiu do círculo. O jagunço matô um polícia e correu prá panhá a arma dele.

Dó gritou:

– Não saí do círculo!

Ele saiu e morreu, atirado pelos soldados.

O engenho onde eles entricheirô lá na Varge Bonita num presto prá nada. Acabô-se tudo na bala.

Prá quem sabe usá as sampathia, os signo salamão, aquilo funciona muito. Eu sei as image, mas não sei fazê funcioná... Ninguém sabe mais prá qui é aquilo.

Isso é prá quem sabe agí com aquilo... Dá efeito!

Prá quem não sabe o que é, não vale nada.

O povo véio comentava qui os jagunço que vêio matá o Antônio Dó teve de passá a mão de pilão no borráio do fogão de lenha.

Bala não adiantava!

Então fizeram a êmpatia do fogão prá acertá ele, no orváio do fogo.

Aí tinha um Zé-soáre aí, o pai do Zé-soáre, acho que era dono lá da fazenda [onde mataram o Dó]...

E o véio era viúvo.

O Soáre era molecote assim, o véio não tava não, só tava um moleque assim.

E os jagunço que viêro matá o Dó, dissêro:

– Vamo matá esse porquêra. Isso vai virá u'nha peça ruim!

E o minininho, escondido no girau de algodão, tremendo.

Ôtro jagunço disse:

– Mata não, deixa prá lá, e fôro atrás do Dó...

Ele foi morto aqui no lugá que chama Riachim, não na Serra-das-Arara, como o povo fala.

Foi depois de morto que eles leváro êle prá lá...

Mais diz que era coisa de êmpatia, que bala não entrava, mais que quando pássaro a mão de pilão no fogo, aí déro conta de matá ele...

Antônio Dó foi terrível, teve história prá conta.

É o Lampião do Gerais.

Foi indo, libera'ro ele.

Polícia vinha de Bel'horizonte e não dava conta de pegá ele.

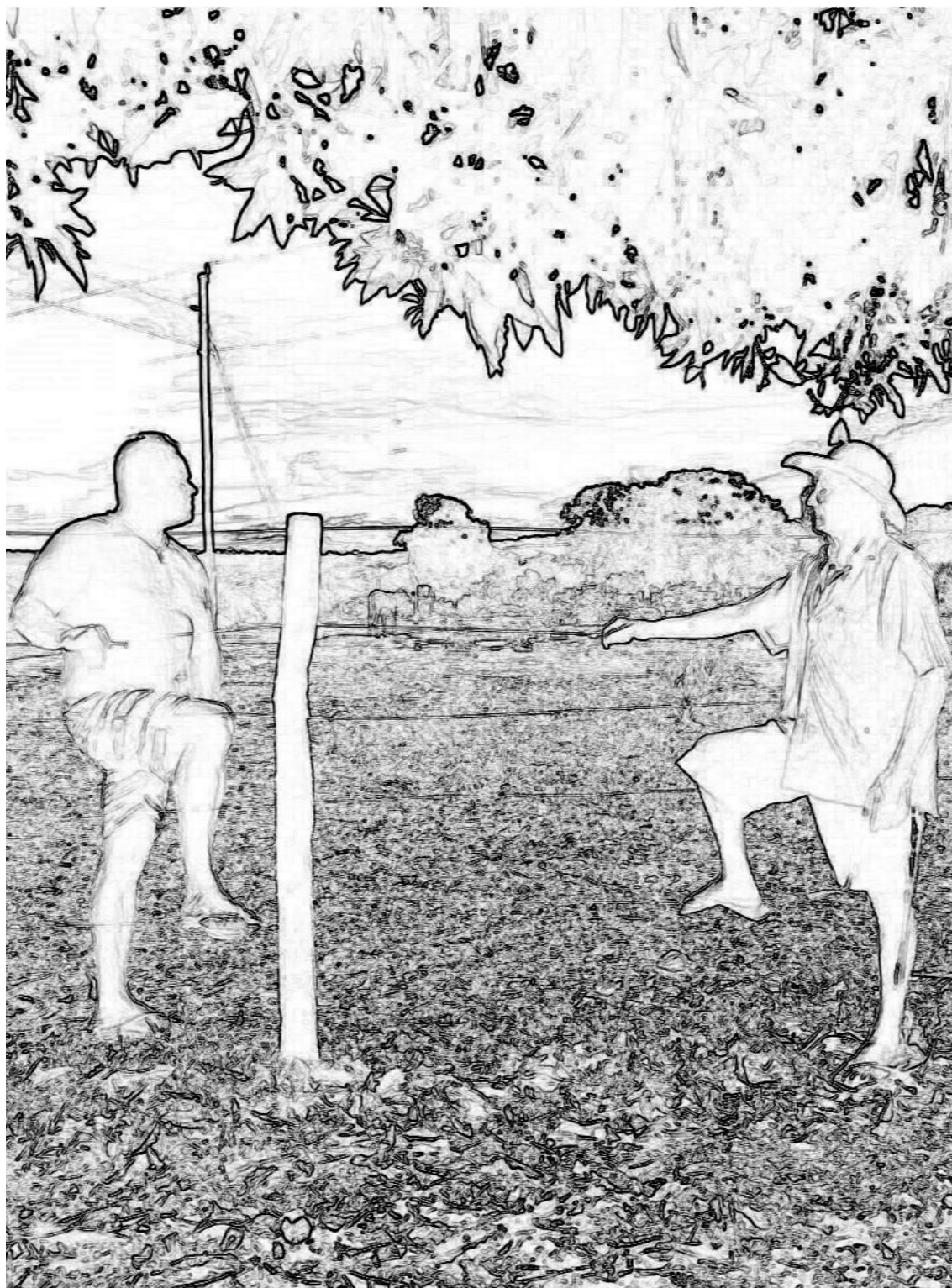
Morreu na mão dos jagunço.

História forte!

O Dó é não é...

Pai que me contava essas história.

Pai sabia de tudo, nos detalhe!



MEMORIALISTAS

*Reze e trabalhe, fazendo de conta que esta vida
é um dia de capina com sol quente, que às vezes
custa muito a passar, mas sempre passa.
E você ainda pode ter muito pedaço bom de alegria...
Cada um tem a sua hora e a sua vez: você há de ter a sua.*

(João Guimarães-Rosa, 1996, p. 22)

Os autores/narradores



João Damascena de Almeida é januarense da gema, filho de Dona Maria Rodrigues de Almeida (in memorian). Criou-se na Rua de Baixo, quilombo urbano do antigo Porto do Salgado. Conhecido nacionalmente como o Imperador do Terno dos Temerosos (Rêis-dos-Cacête) de Januária, Damascena também é historiador, professor e, nas horas felizes, contador de causos.



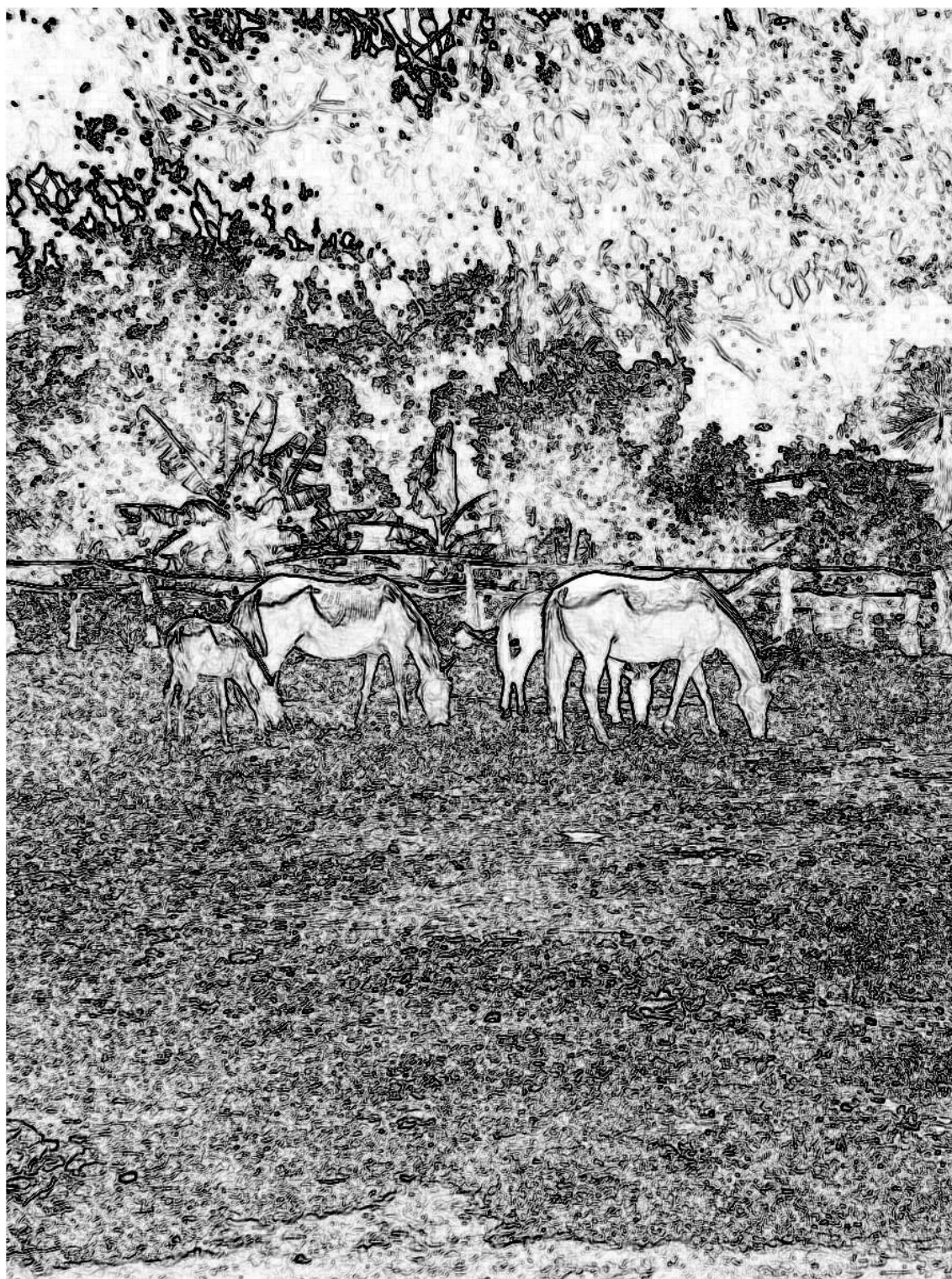
Levi Carneiro Magalhães foi reconhecido, em vida, como o “Guardião da Cultura Crioula” do Sertão, título outorgado pela municipalidade de Formoso/MG, antiga currutela no noroeste dos Gerais, do qual fora fundador e vereador por quatro mandatos. Nascido em 15 de abril de 1913 e falecido em 23 de setembro de 2019, aos 106 anos de idade, grande parte do enredo e das memórias que compõem a presente obra são oriundos de sua própria trajetória de vida.



Ramiro Esdras Carneiro é filho de mãe catrumana e pai barranqueiro. Criou-se entre o “comércio” da Januária e o “sertão” do Formoso. É antropólogo e educador. Nas horas vagas, escreve para desanuvial a lembrança e acalantar a saudade.



Valter Carneiro José é filho do velho-Levi e, a exemplo do pai, guardião da cultura dos Gerais. Vaqueiro, agricultor e contador de histórias, Valtão cresceu, vive e trabalha entre os rios Preto, Carinhonha, Piratinga e Bonito, no coração do universo catrumano.



GLOSSÁRIO

Alparcata – ou alpercata, sandália rústica, confeccionada em couro cru ou pneu velho.

Âncuda – mulher de ancas largas, desejável.

Arapiraca – tabaco de rolo.

Arranjadão – pessoa de posses.

Arresistino – resistindo, teimando.

Briziguiada – barulho, confusão.

Bruçal – cigarro artesanal.

Bruguelim – criança pequena.

Cacedóte – sacerdote, padre, desobriga.

Caritó – nicho de parede, comum nas casas sertanejas. “Ficar no Caritó” é expressão jocosa que se usa para designar mulheres solteironas.

Chibungo – gente atôa, pessoa sem valor.

Currutela – lugarejo, arruado de casas nos confins do sertão. A palavra também é usada como sinônimo de prostíbulo.

Dijitóra – ajuda, socorro.

Disindinhêrado – pobre, sem dinheiro.

Distriziado – alterado, nervoso.

Dominado – diz-se da pessoa que está obcecada por uma ideia, coisa ou lugar.

Engastaiado – travado, preso, amarrado.

Enxertáda – gestante, grávida.

Empatia ou shâmpatia – magia ou conhecimento característico das pessoas antigas.

Fofa-tóba – cachaça de má qualidade, que ataca os intestinos.

Futúm – mau-cheiro.

Ganga – turma, provável corruptela de Gangue.

Incanzinado – desconfiado, mal humorado, de má-vontade.

Inhaca – miasma, fedor, mau cheiro.

Incalangô – travou, perdeu o jogo.

Januára – aguardente de primeira qualidade.

Jarâna – étimo de provável origem indígena, sinônimo de mesquinho, miserável.

Livûzia – sinonímia de aleivosia, manifestação física de espíritos errantes.

Malacafento – doente de malária.

Mãnina – étimo de provável origem indígena, designa fêmeas de qualquer espécie que são incapazes de engravidar.

Pabulagem – vantagem, mentira, prosa-ruim.

Pitá – fumar.

Plebas – coisa sem importância, bobagem.

Pôpa – nádegas, bunda.

Polake – também conhecido como cincêrro, trata-se de um sino de metal rústico que se usa no pescoço de animais roceiros e andarilhos, a fim de localiza-los com mais facilidade quando soltos na larga.

Precatado – prevenido.

Quinta-fêra-de-beb'dos – expressão constante da literatura ambrosiana, corresponde a turma ou súcia de homens bêbados.

Renrenren – onomatopeia que expressa fricção, discussão, início de briga.

Revestrés – palavra usada para referir pessoa ou situação que deu errado.

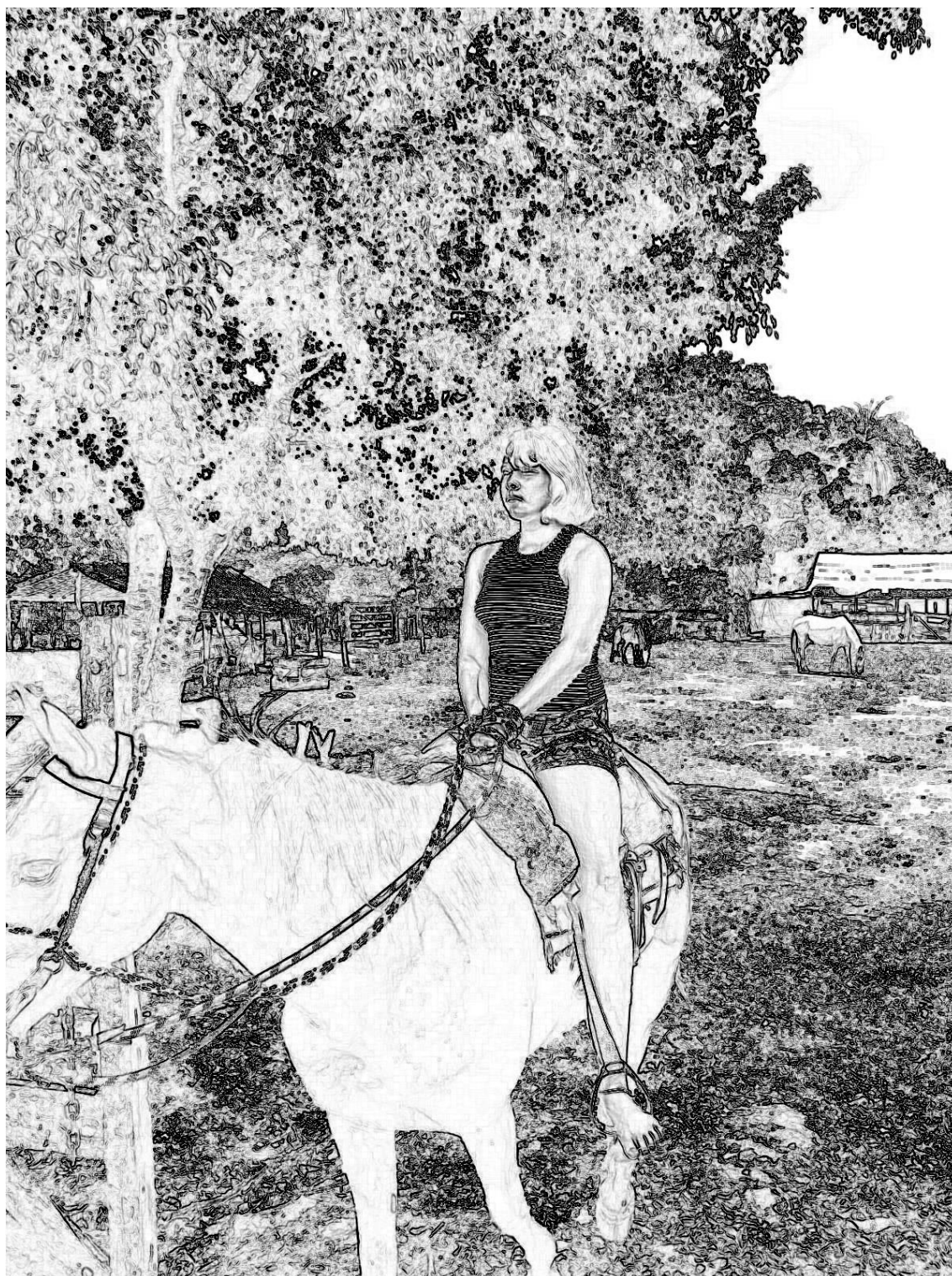
Sazão ou sezão – febre, suadeira.

Siéba – sinônimo de Jacaré, étimo de provável origem indígena.

Signo sal'amão ou Signo-salmão – corresponde aos Signos do Rei Salomão, trata-se de pinturas e grafismos – de suposta origem judaica – que pessoas sábias faziam para invocar forças não humanas, em seu favor.

Tribuzana – confusão, briga, acontecimento ruim.

Vaporá – consumir, fazer desaparecer, transformar em vapor.






UNIGALA
EDITORIAL

ISBN 978-658510135-6



9

786585

101356